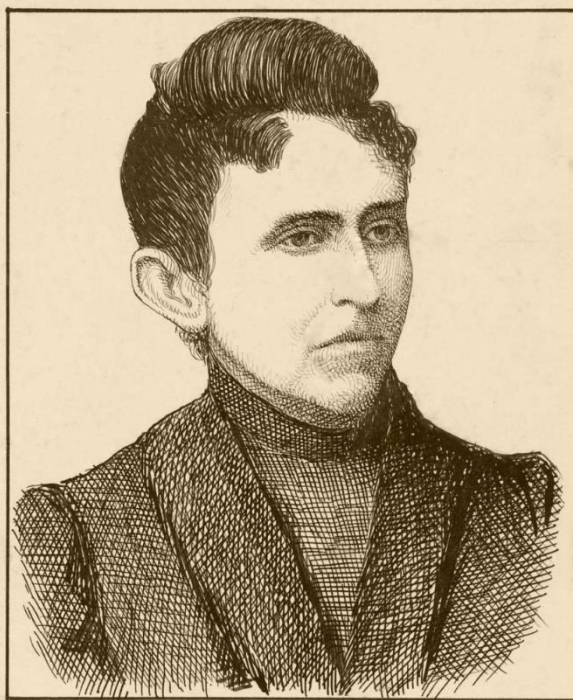





Coleção
Documentos
15

POESIA FEMININA AO SUL DO BRASIL:

SELETA POÉTICA DE JULIETA DE
MELO MONTEIRO

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

**POESIA FEMININA AO SUL DO
BRASIL: SELETA POÉTICA DE
JULIETA DE MELO MONTEIRO**





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



DIRETORIA

PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES
VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL
DIRETOR DE ACERVO – MAURO PÓVOAS
1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES
2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO
1º TESOUREIRO – VALDIR BARROCO
2º TESOUREIRO – ROLAND PIRES NICOLA

Francisco das Neves Alves

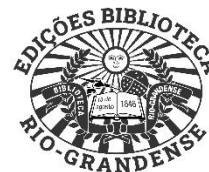
POESIA FEMININA AO SUL DO BRASIL: SELETA POÉTICA DE JULIETA DE MELO MONTEIRO



- 15 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande
2020

Ficha Técnica

Título: Poesia feminina ao sul do Brasil: seleta poética de Julieta de Melo Monteiro

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 15

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: FREIRE, Laudelino (org.). *Sonetos brasileiros*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia. Editores, 1913, p. 181.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Julho de 2020

ISBN – 978-65-87216-09-6

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018) e à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e quarenta livros.



Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)
António Ventura (Universidade de Lisboa)
Beatriz Weigert (Universidade de Évora)
Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)
Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)
Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Francisco Topa (Universidade do Porto)
Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)
Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)
Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)
João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)
José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)
Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)
Maria Eunice Moreira (PUCRS)
Tania Regina de Luca (UNESP)
Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)
Virgínia Camilotti (UNIMEP)

É que o poeta tem de dor a sina;
Entes fadados a viver cantando,
Misturam rosas aos ferais ciprestes,
Tristes suspiros a sorrisos ledos.

Julieta de Melo Monteiro

(VIOLETA, Rio Grande, 20 abr. 1879)

ÍNDICE

A poetisa, 11

A poesia, 43

A POETISA

Ainda que muitas vezes excluídas ou menoscabadas do/no cânone literário, as mulheres escritoras tiveram uma relevância marcante na produção literária do século XIX. Progressivamente, os estudos mais contemporâneos foram reconhecendo o papel dessa escrita feminina, inclusive na promoção da leitura e do aprimoramento cultural entre as mulheres. A ação intelectual dessas pioneiras se fazia por meio das páginas dos jornais, de livretos e livros publicados normalmente com dificuldades e, muitas vezes, enfrentando algum tipo de preconceito de parte dos “homens de letras”, como se convencionou denominar à época. Algumas dessas escritoras têm uma existência praticamente anônima, com informações mínimas ou até inexistentes ao seu respeito. Já outras obtiveram algum reconhecimento, chegando a encontrar até mesmo certa notoriedade em relação ao meio intelectual de então.

A produção textual de autoria feminina se distingue de outros textos por possuir um tom, uma dicção, um ritmo e uma respiração próprios, com uma plena articulação entre uma escrita intimista e as reflexões diante da realidade¹. Na escrita feminina podem ser identificadas tanto as indagações, os desejos reprimidos ou incontroláveis e a batida sufocada ou desenfreada dos corações², quanto os olhares reflexivos sobre a sociedade nas quais as escritoras estavam inseridas. Nos textos literários de autoria feminina podem surgir algumas

¹ BRANCO, Lúcia Castelo. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 13-14.

² BRANCO, Lúcia Castello. A escrita mulher. In: BRANCO, Lúcia Castello & BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Casa-Maria Editorial; Livros Técnicos e científicos, 1989. p. 87.

marcas específicas ou rastros de subjetividade³, os quais interagem com a conjuntura que cerca tais textos.

A escrita feminina pode trazer em si a identificação de características literárias próprias, ou seja, as obras de autoria feminina podem apresentar “qualidades”, em sentido neutro, próprias, as quais aparecem tão diversificadas quanto as encontradas entre obras de homens escritores. Nessa linha, ocorre a possibilidade de que sejam detectados alguns traços comuns, detonadores de afinidades, ou de um “denominador comum”, para além das múltiplas diferenças⁴.

Em se tratando do final do século XIX e primórdios do XX, há uma tendência de que tais características intrínsecas da escrita feminina fossem mais evidentes, tendo em vista a condição social imposta à mulher, criando-lhe significativos obstáculos que se antepuseram constantemente à sua ação. Desse modo a produção textual feminina, em suas peculiaridades ou similitudes está fortemente vinculada aos contextos histórico-culturais e sociais específicos em que foi elaborada, ou seja, como fenômeno histórico que é, tal escrita não fica intocada pelo devir histórico⁵.

³ MAGALHÃES, Isabel Allegro de. Diferenças sexuais na escrita: ao contrário de Diótima. In: *Actas do Colóquio “Escrita de mulheres”*. Coimbra: Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra, 2005. p. 9.

⁴ MAGALHÃES, Isabel Allegro de. *O sexo dos textos e outras leituras*. Lisboa: Editorial Caminho, 1995. p. 17.

⁵ MINGOCHO, Maria Teresa Delgado. Nota prévia. In: *Actas do Colóquio “Escrita de mulheres”*. Coimbra: Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra, 2005. p. 8.

No contexto sul-rio-grandense, várias mulheres dedicaram-se às letras e, com formas de agir e pensar que variaram entre si, também agiram decisivamente na mudança de horizontes quanto ao papel social feminino. Dentre essas escritoras teve destaque uma poetisa e jornalista que, desde a juventude, empreendeu um grande esforço em prol da transformação de paradigmas, vindo, inclusive, a ser destacada pela sua campanha em prol da mulher, por algumas de suas companheiras de lutas⁶. Ela nasceu a 21 de outubro de 1855 e chamava-se Julieta Nativa de Melo. Pertencia a uma família fortemente vinculada às letras, envolvendo o avô Manoel dos Passos Figueroa, escritor e jornalista; a mãe, Revocata dos Passos Figueroa Melo, professora e poetisa; o tio Manoel dos Passos Figueroa, engenheiro e escritor; outro tio, Deodato dos Passos Figueroa, professor e escritor; e a tia Amália Figueroa, poetisa. Além disso, havia o irmão, Otaviano Augusto de Melo, poeta que manteve um jornal literário e Revocata Heloísa de Melo, escritora e periodista, ao lado da qual empreendeu incansavelmente a batalha através da palavra escrita. Para completar, ela se casou com o jornalista e poeta Francisco Pinto Monteiro, incorporando o sobrenome do marido, vindo a assumir o nome pelo qual ficaria mais conhecida – Julieta de Melo Monteiro. Além disso, também

⁶ COELHO, Mariana. *Evolução do feminismo: subsídios para a sua história*. Rio de Janeiro: Imprensa Moderna, 1933. p. 512-513 e 541.; MOURA, Maria Lacerda de. *Renovação*. Belo Horizonte: Tipografia Athene, 1919. p. 76; e OSÓRIO, Ana de Castro. *A grande aliança (a minha propaganda no Brasil)*. Lisboa: Tipografia Lusitana, 1924. p. 58-59.

identificou-se em suas composições pelos pseudônimos Ego, Sibila, Atala, Forasteira e Penserosa⁷.

Desde cedo, Julieta Monteiro passou a atuar como colaboradora junto à imprensa periódica, escrevendo para os mais variados gêneros jornalísticos, mormente junto das publicações literárias, mas também em jornais informativos, comemorativos, ilustrados e até caricatos. Ao final dos anos setenta, entre 1878 e 1879, ela se lançou no caminho que não mais abandonaria, fundando a *Violeta*, um semanário literário cuja redação e colaboradoras eram essencialmente do sexo feminino, bem como tinha por público alvo basicamente as mulheres. Apesar das pequenas dimensões, o periódico obteve

⁷ Dados biográficos da autora disponíveis em: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899, v. 5. p. 242-244.; CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. Rio de Janeiro: Globo, 1956. p. 267, 272, 294 e 399.; COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 314.; FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999. p. 350-351.; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1978. p. 375.; NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Artexoto, 1987, t. 2. p. 143-146; OLIVEIRA, Américo Lopes de & VIANA, Mário Gonçalves. *Dicionário mundial de mulheres notáveis*. Porto: Lello & Irmão – Editores, 1967. p. 936-937.; SCHUMAHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 308.; e VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense – autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 325.

certa projeção, notadamente no que tange ao intercâmbio promovido o qual atingiu a maior parte das regiões brasileiras e chegou mesmo ao exterior⁸.

Em seguida, no ano de 1883, Julieta esteve ao lado da irmã Revocata na execução de uma das mais importantes publicações literárias e femininas, tanto no contexto regional, quanto no nacional, através da edição do *Corimbo*, folha que marcou época em termos de escrita feminina, na difusão da leitura entre as mulheres e na busca por transformações no papel social feminino. Auxiliando a irmã no gerenciamento do jornal ou atuando diretamente na redação, Julieta Monteiro permaneceu no *Corimbo* até a sua morte, em 27 de janeiro de 1928. Ainda que as forças da escritora estivessem centradas na execução desta folha, ela não deixou de colaborar recorrentemente com outros jornais na conjuntura regional, nacional e até internacional.

Além de atuar incessantemente junto à imprensa, Julieta de Melo Monteiro publicou vários livros, como *Prelúdios* (1881), *Oscilantes* (1891), *Coração de mãe* (1893), *Alma e coração* (1897), *Berilos* (1911) e *Terra Sáfara* (1928 – edição póstuma). Como típica representante da intelectualidade de sua época, Julieta Monteiro teve uma ação amplamente diversificada, pois, além de poetisa e jornalista, foi contista, cronista e dramaturga. Também no campo profissional, durante boa parte de sua vida, permaneceu ao lado da irmã Revocata na função de professora. Em termos políticos, foi aliada das forças partidárias liberais que

⁸ ALVES, Francisco das Neves. *Violeta: breve história de um jornal literário no contexto sul-rio-grandense do século XIX*. In: *Miscelânea – Revista de literatura e vida social*. Assis, v. 14, p. 125-141, jul. – dez. 2013. p. 125-141.

enfrentaram o autoritário modelo castilhistaborgista, predominante no Rio Grande do Sul, ao longo da República Velha.

A escritora obteve projeção na vida cultural e literária do Rio Grande do Sul, deixando um legado às letras rio-grandenses, o qual pode ser avaliado não só pelo pioneirismo na imprensa feminina, como também através da criação de mecanismos para a divulgação da literatura, sobretudo pelas mulheres. Tal ação fica evidenciada em seus livros, nas tantas páginas dos periódicos em que colaborou, em sua atuação na *Violeta* e no *Corimbo* e na liderança exercida junto de entidades ligadas ao sexo feminino, estabelecendo enfim um intenso trabalho, desenvolvido em prol das letras e da mulher⁹.

Julieta de Melo Monteiro teve uma longa carreira que se desenvolveu desde o início dos anos setenta do século XIX, quando, bastante jovem, passou a atuar na colaboração com diversos jornais, até o encerramento de sua vida, ao final da década de vinte da centúria seguinte. Desse modo, foi aproximadamente meio século de ampla dedicação à escritura, contribuindo decisivamente para a difusão da escrita e da leitura feminina. Ela conquistou reconhecimento e lançou mão do mesmo para difundir suas ideias, notadamente vinculadas a um novo papel social para a mulher. Ainda que tivesse uma visão moderada, a autora não deixou de defender mudanças, principalmente a partir da educação feminil.

⁹ MOREIRA, Maria Eunice. Em poesia e prosa: a voz das Senhoras gaúchas do *Almanaque de Lembranças*. In: CHAVES, Vania Pinheiro (org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva Editorial, 2014. p. 212-214.

A presença dessas mulheres escritoras no ambiente extremo-meridional brasileiro constitui um interessante caso para a história da literatura brasileira e sul-rio-grandense. Ainda assim, suas ações muitas vezes foram menoscabadas em termos de registro. No Brasil, em geral, a voz da mulher era muito pouco ouvida, o que pode ser constatado a partir das histórias da literatura brasileiras, ao proceder-se a um inventário das autoras do sexo feminino. No caso do Rio Grande do Sul, tal fenômeno se aprofunda, tendo em vista o pejo da inferioridade que por tanto tempo recaiu sobre a condição feminina, de modo que muitas delas foram negligenciadas pelas histórias da literatura. Nesse quadro, Julieta chegou de certo modo a constituir uma exceção, obtendo certa notoriedade¹⁰ (MOREIRA, 2014b, p. 38).

A obra de Julieta de Melo Monteiro trouxe consigo uma predileção pelas composições poéticas, com destaque para os sonetos. A marca essencial de seus escritos era o tom melancólico, com a preferência por temáticas calcadas na tristeza, tendo muitas vezes a morte como um fator motor de seu trabalho. Ela conviveu com a finitude da vida bem próxima de si, fosse em relação ao contexto histórico – com os constantes enfrentamentos bélicos que acompanhou, caso da Guerra do Paraguai, das guerras civis ocorridas no Brasil, mormente no Rio Grande do Sul, e mesmo da I Guerra Mundial –, fosse no âmbito familiar, com as tantas perdas sofridas, a da mãe, a dos irmãos e a do marido, as mais sentidas. Tais vivências somadas aos fatores de inspiração

¹⁰ MOREIRA, Maria Eunice. As senhoras gaúchas no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. In: *Convergência Lusíada*, n. 32, p. 38, jul. – dez. 2014.

artística corroboravam com a expressão utilizada pelo prefaciador de um de seus livros, Luiz Guimarães, ao caracterizar a criação de Julieta como uma queixosa flor da melancolia¹¹.

Em meio aos cuidados formais, envolvendo aspectos como a métrica e a rima, a poesia traz em si também uma série de figuras de linguagem e, notadamente, metáforas, que carregam consigo as interpretações do real e do imaginário. Nesse sentido, o texto poético é a arena na qual se digladiam duas formas de realidade, a descoberta e a recriada, em uma tensão que é a própria essência da poesia. Sob o prisma da conotação/denotação, a criação poética constitui a tensão entre a camada denotativa, reflexo do mundo físico, e a camada conotativa, desenvolvida no contexto do poema, em um quadro pelo qual a poesia igualmente se desintegraria caso se anulasse qualquer uma das camadas. Assim, a poesia se define como uma relação de opostos, equilíbrio instável entre duas forças, uma que aproxima da realidade contingente, outra que favorece a criação de uma realidade nova, à imagem e semelhança da primeira¹². Nesse sentido, a criação poética de Julieta Monteiro carregava em si essa mescla entre suas vivências e as manifestações criativas de sua arte.

Dessa maneira, as escolhas de Julieta pelos caminhos da melancolia se prenderam à própria expressão de sua realidade concreta e às concepções criativas e estéticas que a cercavam. O melancólico como alimento da verve

¹¹ MONTEIRO, Julieta de Melo. *Oscilantes*. Pelotas: Livraria Universal, 1891. p. 10.

¹² MOISÉS, Massaud. *A criação poética*. São Paulo: Melhoramentos; Editora da Universidade de São Paulo, 1977. p. 143-144.

poética vem ao encontro da perspectiva de fazer da melancolia o apanágio se não do próprio pensamento, pelo menos da intencionalidade que caracteriza a relação humana com o mundo, no sentido de que comporta em si a própria finitude, redundando daí uma verdadeira referência universal à melancolia. Fica demarcado assim um efeito de sedução do melancólico, muito comum entre poetas e romancistas, a serviço da composição do campo perceptivo, seja ela apenas imaginária ou propriamente artística. A partir daí o artista cria as formas do melancólico e as reinsere no seio da realidade sensível submetida, daí por diante, a uma harmonia preestabelecida, e, ao sabor de sua fantasia, elabora uma composição que articula em seu seio o sentimento e a realidade¹³.

Ainda no início de sua carreira, em uma das estrofes de poema publicado junto à imprensa literária gaúcha (ÁLBUM LITERÁRIO, Pelotas, 10 maio 1875, 3ª série, a. 1, n. 11, p. 44), Julieta dizia:

Bem vez, em tudo que é triste
Minha alma encontra magia;
Assim nos sombrios ermos,
Eu sonho amor e poesia;
Bem vês, em tudo que é triste,
Minha alma encontra magia!

¹³ LAMBOTTE, Marie-Claude. *Estética da melancolia*. Rio de Janeiro: Companhia Freud, 2000. p. 10-11 e 199-201.

Em versos datados da mesma época, mas só publicados mais tarde, quando já editava a *Violeta*, a poetisa rio-grandense, sob o pseudônimo de *Penserosa*, realizava uma autodefinição poética, evidenciada desde o título do poema – “Sou triste” (VIOLETA, Rio Grande, 18 ago. 1878, a. 1, n. 23, p. 2-3).

Sou triste como o eco de um gemido,
Dum seio já sem crença e sem amor;
Como em meio de um bosque solitário,
A saudosa cantiga do pastor.

Sou triste como o goivo do sepulcro
Banhado pelas lágrimas do céu:
Como o pranto dorido da viúva,
Chorando o terno esposo que perdeu.

Sou triste como a frágil parasita,
Que o vento na passagem derrubou;
Como é triste lembrarmos essa quadra,
Que tão bela nos foi, mas que passou!

Sou triste como ouvir em horas mortas,
Nas janelas o vento sibilar;
Como em meio de um campo solitário,
Da coruja o terrível gargalhar!

Sou triste como em meio do naufrágio,
Ouvir do marinheiro a voz queixosa,
Só tendo por resposta a vos do vento,
E o bramido da onda revoltosa.

Sou triste como a planta que definha,
Sem orvalho, sem sol, só entre abrolhos;
E como ela eu morrera muito cedo,
Se não visse uma luz, a de teus olhos.

Refletindo as concepções estéticas que a influenciaram, em “Não descreias”, Julieta Monteiro revelava que a melancolia era não só uma marca em sua vida, mas verdadeira sina daqueles que optavam pelos caminhos da poesia (VIOLETA, Rio Grande, 20 abr. 1879, a. 2, n. 45, p. 3).

Poeta que sofrer te dilacera,
Que dor tão fundo o seio teu oprime!
Acaso as glórias que sonhaste um dia
O amor, os sonhos de ideal sublime
Vistes desfeitos pelo pó rolarem?!
Porque soluças? (...)

É que o poeta tem de dor a sina;
Entes fadados a viver cantando,
Misturam rosas aos ferais ciprestes,
Tristes suspiros a sorrisos ledos.

A própria “Tristeza” era o título de um poema publicado pela *Penserosa* na *Violeta*, trazendo a carga taciturna já na primeira estrofe (VIOLETA, Rio Grande, 20 abr. 1879, a. 2, n. 45, p. 3).

Não sei que tristeza imensa,
Que dor tão funda, meu Deus,
Vem qual nuvem de desgraça
Turbar róseos sonhos meus.

Em seu primeiro livro, *Prelúdios*, Julieta trazia os versos intitulados “Na solidão”, nos quais expressava o estado de espírito de sua criação poética¹⁴.

(...) Eu amo tudo o que é triste
Que traz em si luto e dor,
Eu amo os goivos das tumbas,
Amo os suspiros de amor;
Mais os acordes sentidos
Do peito de um trovador!

Se eu amo tudo o que é triste
Deixai-me agora cantar;
Meu canto é triste e sentido
Como o de um sino a dobrar;
Aqui na paz, no silêncio.
Oh! como é doce cismar!

Na mesma publicação, a poetisa lembrava seus tempos de infância, nos versos “A Yayá”, dedicados a uma amiga. Ainda que relembresse os tempos

¹⁴ MONTEIRO, Julieta de Melo. *Prelúdios*. Rio de Janeiro: Tipografia Cosmopolita, 1881. p. 22-23.

infantis como de certa alegria, Julieta não deixava de ressaltar que cantava “só tristezas”¹⁵.

(...) Mas não ergamos este véu de pranto!
Yayá, perdoa se sofreste agora:
É que eu, amiga, só tristezas canto,
Mesmo sorrindo inda minha alma chora.

Em meio à imprensa literária rio-grandense-do-sul, Julieta Monteiro prosseguiu sua seara de melancolias, ao definir sua disposição emocional e criativa, por meio do poema “Minha alma” (PROGRESSO LITERÁRIO, Pelotas, 29 jul. 1888, a. 3, fase 2, n. 5. p. 3).

Triste, profundamente triste, agora
Anda minha alma, que em constante anseio
Continuamente no silêncio chora!

Parece que somente ao mundo veio
Para sofrer os golpes mais cruentos
Que Deus pode mandar ao humano seio.

De dia em dia vagarosos, lentos,
Eles ferem sem dó a quem sonhara
Mais suaves, mais prósperos momentos.

¹⁵ MONTEIRO, 1881, p. 58.

De prazeres a sorte foi-lhe avara;
E sê-lo-á? Quem sabe, até o instante
Em que um poder supremo diga: – para.

Não mais a dor cruel e lancinante,
Deixemo-la dormir o eterno sono;
Além, talvez, esperem-na anelante
Outra que aqui deixou-a no abandono.

Já nas páginas do *Corimbo*, por meio de seus versos, Julieta comparava a vida com o navegar e a infelicidade continuava a ser a tônica no poema “Meu coração” (CORIMBO, Rio Grande, 27 jul. 1890, a. 6, n. 46, p. 1).

No profundo oceano da saudade
Vai vogando infeliz, desarvorado,
Meu coração, baixel que a tempestade
Um momento sequer não há poupado.

A Canaã bendita eclipsou-se,
O farol da esperança não fulgura,
De negras nuvens todo o céu toldou-se
Onde encontrar o porto da ventura?

Hora por hora a escuridade aumenta,
E o sol não brilha; quanto é funda e lenta
Atra agonia de quem vive ansiando!

Meu coração, em breve, sem conforto,
Tendo perdido o desejado porto

Irá entre os escolhos se afundando.

A caminhada de vida e de artista de Julieta Monteiro também era expressa pelo prisma melancólico de sua poesia, como foi o caso dos versos “Carta a Damasceno Vieira”, nos quais conversava com o colega literato e, em uma das estrofes, enfatiza o quanto de “dores” carregava em sua existência (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, Pelotas, 1896, p. 272-273).

Mas, perdão, porque lembrá-la?
Deixemos as minhas dores;
Não devemos recordá-la,
Tem mais martírios que flores.

Em sua obra póstuma, *Terra sáfara*, que trazia algumas de suas composições poéticas escritas nas primeiras décadas do século XX, Julieta mantinha o tom macambúzio em vários de seus versos. Como foi quase uma tradição ao longo de sua vida, a poetisa normalmente elaborava escritos taciturnos a cada início do mês de novembro, lembrando com saudade e tristeza a data dos mortos. Foi o caso do poema “Dois de novembro”, no qual ela não só enaltecia o dia alusivo, como estendia o seu sentido à boa parte de sua existência¹⁶.

¹⁶ MONTEIRO, Julieta de Melo. *Terra sáfara*. Rio Grande: Livraria Universal, 1928. p. 23-24.

Para mim sempre é **Dia de Finados**,
Porque a minha alma dia e noite chora
Vagando sem cessar entre os sagrados
Leitos, daqueles que adorou outrora!

Na cidade dos entes muito amados
Que vão-se um dia para sempre embora
Vivem meus sonhos, sonhos desolados,
Tristes gemendo pelo espaço a fora!

Quem tem como eu, dormindo enregelados
Mãe, pai, esposo, irmãos idolatrados,
Como não ter a morte na lembrança?!

Quer feche os olhos, quer os tenha abertos
Vê diante de si longos desertos
De onde foge o fantasma da esperança!

Tal espírito lúgubre se aprofundou a cada perda sofrida por Julieta Monteiro. Muitas de suas composições poéticas foram dedicadas a tantos dos familiares mortos, como a tia, a avó, as sobrinhas e, com maior ênfase, a mãe, cada um dos irmãos e seu esposo. Também nas páginas de *Terra sáfara* foi publicado “No campo santo”, versos nos quais a escritora sintetizava as tantas dores pelo falecimento de seus “entes queridos”¹⁷.

Trago à vossa morada entes queridos
Todo o sentir de uma alma desolada

¹⁷ MONTEIRO, 1928, p. 53-54.

Que lembra a soluçar os tempos idos,
E a rosa da esperança amortalhada.

Feliz do que a rever dias volvidos
Não encontra uma página molhada
De lágrimas, de prantos doloridos,
No livro da existência descuidada.

Feliz quem conheceu apenas flores,
Quem nunca disse o adeus de despedida
Aqueles a quem deu santos amores

Inditosos os mártires da vida,
Que sepultam no peito atrozes dores
Como as que eu trago a esta mansão dorida!

Através da poesia, a escritora refletia sobre o seu cotidiano de tristezas, dizendo que se levantava “do leito ao despontar do dia”, tomando “tristemente a estrada” que conduzia “à cidade fatal e sombria” (CORIMBO, Rio Grande, 1º nov. 1904, a. 22, n. 242, p. 1). Assim, desde os primeiros escritos, na mocidade, até os últimos, já nos estertores de sua vida, Julieta Monteiro teve a melancolia como o norte de suas criações. Ao articular realidade, criatividade artística e concepções estéticas, a poetisa encontrava na tristeza uma linguagem que trazia a conexão entre o universal e o pessoal. Havia também a própria sedução pelo melancólico, de modo que seus versos visavam à busca de uma identidade com o leitor, encontrada provavelmente com maior intensidade no compartilhamento das dores.

Junto da carreira literária, Julieta Monteiro empreendeu uma caminhada na defesa de determinados princípios, atuando como uma escritora e jornalista engajada em certas militâncias. Ela obteve significativo reconhecimento, vindo a ser guindada à condição de intelectual. Tal hierarquia também foi utilizada como uma estratégia nas lutas, de modo que a notoriedade no campo da cultura ficava inter-relacionada com o embate político. Nesse sentido, suas ações poderiam ser compreendidas inteiramente se recolocadas no campo ideológico de que faziam parte, o qual exprimia, de uma forma mais ou menos transfigurada, a posição de uma categoria particular de escritores na estrutura do campo intelectual, por sua vez incluído em um tipo específico de campo político. Desse modo, em meio ao processo literário-cultural, se estabelecia um *corpus* constituído no interior do campo ideológico, o qual se inseria em um sistema de relações de concorrência e de conflito entre grupos situados em posições diferentes no interior de um campo intelectual. Este, por sua vez, também ocupava uma dada posição no campo do poder¹⁸.

Os intelectuais colocam-se em condições de intervir em outros campos de atuação, em nome da autonomia e dos valores específicos de um campo de produção cultural que chegou a um alto nível de independência em relação aos poderes. Nessa linha, o intelectual torna-se um ser paradoxal, a partir da alternativa entre autonomia e engajamento, uma vez que sua existência se dá, historicamente, na e pela superação dessa oposição. Além disso, ele é uma

¹⁸ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 184 e 186.

personagem bidimensional, que não existe e não subsiste como tal a não ser que (e apenas se) esteja investido de uma autoridade específica, a qual é conferida por um mundo intelectual autônomo. Em tal contexto, ele age até mesmo com certa autonomia em relação aos poderes religiosos, políticos e econômicos¹⁹.

De acordo com tal perspectiva, torna-se fundamental a representação que os intelectuais possuem do mundo social e a função por eles desempenhada neste mesmo mundo. A meta essencial é o convencimento do público, uma vez que o campo intelectual está incluso em um campo de poder, implicando em um *habitus* socialmente constituído, o qual possibilita ao intelectual ocupar as posições que lhe eram oferecidas por um determinado estado do campo intelectual, bem como adotar as tomadas de posição estéticas ou ideológicas vinculadas a estas posições²⁰.

No século XIX, essa ação social do intelectual se refletia essencialmente por meio das páginas da imprensa. Nessa época, escrever nos periódicos era uma ocupação reservada a literatos que entendiam os jornais e as revistas como espaços públicos de opinião, de maneira que tal ato constituía uma forma de afirmação de uma autoridade, um modo de publicar ideias, de divulgar obras, ou ainda, de defender ideologias, de travar polêmicas diversas, enfim, de participar

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 150 e 370.

²⁰ BOURDIEU, 2007, p. 185, 188 e 190.

ativamente na construção da esfera pública²¹. Ocorria, assim, uma inter-relação entre o campo jornalístico e os campos de produção cultural, por meio de uma intervenção de produtores culturais situados em um lugar incerto entre o campo jornalístico e os campos especializados. Desse modo, esses “intelectuais-jornalistas” passavam a servir-se de seu duplo vínculo para esquivar as exigências específicas dos dois universos e para introduzir em cada um deles poderes mais ou menos bem adquiridos no outro, ficando em condições de exercer dois efeitos principais, ou seja, promover formas novas de produção cultural e fazer valer seus julgamentos críticos e princípios de avaliação, ratificados a partir de uma suposta autoridade intelectual²².

Esse papel de intelectual-jornalista foi desempenhado muito a contento por Julieta de Melo Monteiro nas tantas bandeiras que levantou por meio da palavra escrita ao longo de sua carreira. Ela teve uma grande preocupação de cunho social, combatendo algumas das mazelas da sociedade. Uma delas foi a escravidão, contra a qual se bateu em prosa e verso, participou do movimento abolicionista e promoveu campanhas pela emancipação dos cativos. Outra foi a pobreza, tema recorrente em seus escritos, notadamente contos e crônicas, e que combateu na prática, com constantes atividades para obter donativos, recorrentes esforços junto à imprensa no sentido de auxiliar os desvalidos e

²¹ PEIXINHO, Ana Teresa. Escritores e jornalistas: um estudo de caso. In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.). *Outros combates pela História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. p. 427.

²² BOURDIEU, Pierre. A influência do jornalismo. In: *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 111.

estando à frente na ação de instituições, mormente o Clube Beneficente de Senhoras, para atenuar os sofrimentos dos pobres. Além dessas, duas das causas em que a jornalista-intelectual foi mais atuante foram aquelas vinculadas à luta pela igualdade e a emancipação feminina e às batalhas de oposição e resistência ao autoritário regime castilhistaborgista.

A igualdade, os direitos da mulher e a educação feminina foram temas recorrentes pelos quais a intelectual-jornalista intentou o convencimento público. Suas batalhas por meio das palavras refletiam um dos cerne da escrita feminina e foram travadas por meio de contos, crônicas, dramas e poemas, mas também por uma atuação mais vibrante nas páginas dos jornais. Embora Julieta Monteiro não chegasse a promover um jornalismo panfletário, optando por um estilo normalmente mais moderado, não poupou esforços para promover a ideia de que, mesmo sem deixar de lado sua vida familiar, as mulheres poderiam conquistar uma nova função social, notadamente a partir de uma educação mais apurada.

Nesse sentido, ainda na redação da *Violeta* Julieta trouxe aos leitores o texto “A educação da mulher” (VIOLETA, Rio Grande, 20 abr. 1879, a. 2, n. 45, p. 2), breve artigo, considerado como ideal para atender “ao tamanho de nosso jornalzinho”. De acordo com o texto, era na educação feminina que estava uma das principais, senão a primeira das bases da felicidade feminina. Revelando o tom combativo, a redação explicava que não estava dentre aquelas pessoas que julgavam a mulher apenas apta para o serviço doméstico, contrariando ao que algumas penas assaz abalizadas vinham julgando. Havia também a ressalva da

discordância para com uma educação exclusivamente literária, com a proposta de um meio termo, o qual seria o melhor método a seguir. Nessa linha, a proposta era a conciliação entre os afazeres domésticos e a instrução, uma vez que o estudo seria sempre útil. Explicitando mais uma vez o embate, ficava demarcado o descrédito para com aqueles que não defendiam a educação feminina, sob a alegação de que parecia incrível que houvesse pessoas que dissessem não saber para que serviriam as letras.

Na mesma edição, tal texto era corroborado pela publicação de um poema intitulado “O estudo” (VIOLETA, Rio Grande, 20 abr. 1879, a. 2, n. 45, p. 4), o qual Julieta Monteiro, posteriormente, viria incorporar ao conteúdo do livro *Prelúdios*²³. Nos versos ficava reforçada a proposta de que as mulheres deveriam procurar a luz das letras, em substituição a outros afazeres mais fúteis, de modo que, pela instrução, obtivessem um novo papel social. Nas páginas do *Corimbo* o combate em nome de uma nova condição social para a mulher foi constante. Na folha literária e feminina, Julieta Monteiro publicou consecutivas colaborações acerca do tema, chegando a gerar debates quanto às questões por ela defendidas. Na virada de 1891 para 1892, o *Corimbo* publicou em partes o texto de Julieta de Melo Monteiro intitulado “A mulher” (CORIMBO, Rio Grande, 20 dez. 1891, a. 8, n. 61, p. 1-2; e 20 mar. 1892, a. 8, n. 72, p. 1), também apresentado na íntegra nas páginas do livro *Alma e coração*²⁴. O artigo trazia em si uma síntese

²³ MONTEIRO, 1881, p. 34.

²⁴ MONTEIRO, Julieta de Melo. *Alma e coração – livro do passado*. Rio Grande. Tipografia Trocadero, 1897. p. 165-171.

do pensamento defendido pela autora em torno da luta pela educação e emancipação feminina.

De acordo com a intelectual-jornalista, seria necessário que a mulher rompesse os “ridículos preconceitos” a que infelizmente por uma mal entendida submissão, teimava em prestar culto. A poetisa sustentava ainda que a mulher poderia ser inteligente, ativa, empreendedora, sem esquecer o santuário da família, mas tomando parte empenhada em todos os tentames proveitosos, onde pudesse salientar-se. Na concepção de Julieta, a mulher poderia destacar-se pelo seu critério, pela sua eloquência persuasiva, pela sua fácil compreensão, pelo modo judicioso com que encarava certas questões, diante das quais os homens se lançavam apaixonadamente e sem tempo de verificarem e estudarem o principal caminho a tomar.

Na continuidade de seu texto engajado à causa feminina, Julieta Monteiro destacava que julgavam as mulheres como fracas, incapazes de regenerarem-se por si, e, por esse motivo, consideravam-nas absolutamente dependentes do pai, do tutor, do esposo, de um homem enfim que lhes pudessem abrir os olhos, para que se não precipitassem no abismo no qual a “proverbial ignorância e falta de prática”, as levariam inevitavelmente. Na visão da escritora tal argumentação não passava de um engano, defendendo a opinião contrária, segundo a qual, a mulher não nascera simplesmente para obedecer. Para corroborar com sua perspectiva, Julieta enfatizava que a história mostrava que muitas mulheres tinham dado irrecusáveis provas de sua capacidade para governar, citando

alguns casos que teriam constituído excelentes testemunhos do quanto poderia atingir a inteligência, o critério, a força de vontade e a tática da mulher.

As campanhas pela emancipação feminina foram recorrentes na atuação da intelectual-jornalista, muitas delas expressas a partir das páginas do *Corimbo*, já no século XX. Foi o caso de uma matéria na forma de epístola, na qual Julieta sustentava que as próprias mulheres deveriam autovalorizar-se, inclusive por meio da participação política. A tal respeito, a publicista narrava com ironia um caso no qual uma senhora discutia temas políticos, diante da reprovação de algumas outras que a ouviam, como uma das presentes a qual afirmou que aquela deveria ir “cuidar das panelas e dos filhos” e deixar “essas coisas para os homens”. Diante disso, a escritora reagia com pesar, constatando a pouca disposição que existia em meio às representantes do seu sexo para procurar a luz do saber. Segundo ela, era preciso “arrancar das trevas o sexo frágil”, devendo empreender-se uma “luta enorme” para sair da obscuridade a qual estariam buscando destinar às mulheres (CORIMBO, Rio Grande, 15 jun. 1918, nova fase, n. 110, p. 1-2).

Mais tarde, Julieta Monteiro publicou uma “Carta sobre o trabalho da mulher”, na qual sustentava a necessidade da participação feminina no mercado de trabalho. Para ela, independente da formação ou condição social, as mulheres tinham de estar preparadas para desempenhar serviços diversificados, uma vez que, em termos mundiais, estaria se verificando que ambos os sexos passavam a se equiparar na obtenção de diversos tipos de emprego. Nessa linha, pregava que todas as mulheres deveriam convencer-se

quanto a estarem preparadas para o futuro que lhes estivesse reservado (CORIMBO, Rio Grande, 15 jan. 1919, nova fase, n. 122, p. 1-2).

Outra bandeira levantada por Julieta foi aquela a favor da causa federalista. No Rio Grande do Sul, o movimento republicano, sob a liderança de Júlio de Castilhos, assumiu uma feição positivista, autoritária e personalista. O maior projeto do castilhismo era a continuidade no poder, meta atingida, tendo em vista a permanência no governo de Castilhos, e depois seu sucessor Borges de Medeiros, por quase quatro décadas, de forma praticamente ininterrupta. O modelo castilhista era exclusivista, alijando do poder todos aqueles que não seguissem a cartilha de Castilhos, fenômeno que originou uma ferrenha oposição, formada por antigos liberais e conservadores e por várias levas de dissidentes republicanos.

Impossibilitadas de chegar ao poder por meio das urnas, as oposições apelaram para as armas, com a deflagração da Revolução Federalista (1893-1895), a qual marcou a conjuntura sulina por um clima de ódios, disputas e rivalidades que perduraram por toda a República Velha. A mais importante agremiação partidária que fez oposição ao regime castilhista-borgista foi o Partido Federalista, ao qual Julieta de Melo Monteiro se associou, exercendo um importante papel, notadamente no âmbito rio-grandino. Como intelectual federalista, Julieta colocou-se na resistência, opondo-se notoriamente ao autoritarismo castilhista.

Uma das primeiras manifestações de Julieta Monteiro que mostrava algum tipo de desaprovação em relação ao regime vigente no Rio Grande do Sul

deu-se por ocasião do falecimento do jornalista Carlos von Koseritz, com participação marcante no Partido Liberal e que, após a república, foi perseguido por forças governistas até a sua morte. Em meio ao elogio fúnebre ao publicista, a escritora dizia que ele dera seu último suspiro trucidado por tantos sofrimentos, afirmando também que o mesmo morrera no seu posto de honra, lutando denodadamente, como um bravo, como um herói, a peito descoberto. Para ela, tal morte abrira no jornalismo gaúcho um vácuo difícil de preencher, considerando aquele desaparecimento como uma verdadeira catástrofe. Na concepção da escritora os algozes de Koseritz não iriam atingir seu objetivo de maneira completa, uma vez que a sua memória seria inapagável, tendo em vista o precioso legado que o seu brilhantíssimo talento trouxera para o Rio Grande do Sul (CORIMBO, Rio Grande, 15 jun. 1890, a. 6, n. 40, p. 1).

Outro personagem homenageado por Julieta foi o imperador exilado do Brasil, por ocasião do aniversário de seu falecimento. Enquanto elogiava D. Pedro II, a jornalista tecia apreciações negativas a respeito do regime vigente no Brasil desde 1889, lamentando todos aqueles anos de lutas e sofrimentos. Segundo ela, parecia que a mão fria e pesada da fatalidade estendera-se sobre aquele tão desventurado, quanto outrora florescente país, depois da república imersa em guerra, sangue e destruição. Julieta Monteiro dizia ser preferível que o imperador tivesse desaparecido, pois fora poupado da grande dor de presenciar o esfacelamento da pátria, uma vez que, com a sua partida para o exílio, um véu negro e tenebroso cobrira as opulentas terras do cruzeiro (CORIMBO, Rio Grande, 3 dez. 1893, a. 10, n. 146, p. 1).

As concepções político-ideológicas de Julieta ficavam ainda mais evidenciadas no artigo “Os heróis”, no qual ela enaltecia a ação dos federalistas (CORIMBO, Rio Grande, 17 fev. 1894, a. 10, n. 155, p. 1). Na abertura do texto, com veemência e carregando na ironia, a autora explicava a quem não caberia a categorização de herói, em clara alusão aos adversários castilhistas, que, segundo ela, não mereceriam ser heroificados. Por outro lado, Julieta Monteiro, reconhecia claramente a imagem do herói na figura dos revolucionários que se batiam para buscar derrubar o regime castilhista do poder.

Nesse sentido, a escritora participava ativamente do confronto discursivo entre castilhistas e federalistas, adotando o lado destes e criticando com acidez a ação daqueles. Tal atitude voltaria a ocorrer em um longo poema, no qual Julieta fazia uso dos versos para apreciar o livro *Psaltério*, lançado pelo jornalista e poeta Mário de Artagão, escritor monarquista, que atacou firmemente o castilhismo, sofrendo ferrenha repressão por tal posição (ALMANAQUE POPULAR BRASILEIRO, Pelotas, 1895, p. 224-225). Na construção do texto, ela se utilizou de vários dos títulos dos poemas de Artagão em seu livro recém-lançado e, ao final, aplaudia a ação do autor do *Psaltério*, na luta contra as forças governistas.

A jornalista-intelectual também se bateu em prol da liberdade de expressão, princípio menoscabado durante a preeminência do autoritário regime castilhista. Para a escritora, o Rio Grande do Sul vivia calamitosos tempos, nos quais um assassinato se transformara em um acontecimento natural, ainda mais quando se tratava dos homens de imprensa, que estariam a

viver ameaçados, chegando as famílias a aconselhar que silenciassem pelos riscos em que colocavam suas vidas. Em tom exortativo, Julieta Monteiro dizia que um jornalista seria perseguido apenas por ter uma ideia e sustentá-la, não se curvando aos mandões da terra, não vendendo a sua pena e não se humilhando para receber a proteção dos *grandes*, dos poderosos e dos senhores da situação (CORIMBO, Rio Grande, 15 abr. 1900, a. 17, n. 137, p. 3).

Em sua militância a autora lançou vários textos panegíricos, com homenagens a lideranças federalistas. Um dos homenageados foi Gumerindo Saraiva (CORIMBO, Rio Grande, 9 ago. 1896, a. 13, n. 23, p. 1), militar que comandou as tropas revolucionárias que atravessaram os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, levando em frente o combate aos governistas na esfera estadual e federal e que fora morto em combate pelas forças legalistas. A escritora lembrava o dia da morte de Saraiva, considerando-a como uma dolorosa data para o Brasil e muito especialmente para o vasto torrão rio-grandense. Para ela, naquele dia um manto lutulento fora desdobrado sobre as esperanças de um povo altaneiro, ferido em seus brios de patriota, como seria o caso dos gaúchos, submetidos ao autoritarismo castilhistas.

O próprio irmão de Julieta, Romeu de Melo, foi homenageado, ao lado dos vários integrantes da família Tavares, todos eles profundamente vinculados às lutas oposicionistas no campo bélico e na seara política. Foi o caso do artigo “Ao glorioso Partido Federalista”, assinado por ela juntamente da irmã Revocata, no qual os irmãos Tavares eram saudados como uma trilogia radiante, na história da briosa pátria rio-grandense. Já Romeu Melo era descrito como um indivíduo

cheio de energias, com o mais eloquente dos cultos, em plena sagração de civismo. Dessa maneira, as irmãs Melo diziam aproveitar a oportunidade para distinguir todos os heroicos paladinos da nobre cruzada federalista (ECO DO SUL, Rio Grande, 28 ago. 1912, a. 58, n. 198, p. 1).

Um dos indivíduos que participou das forças oposicionistas ao regime instituído no Brasil em 1889, mais homenageado por Julieta Monteiro foi Luiz Felipe Saldanha da Gama, militar de carreira da marinha brasileira que participou ativamente da Revolta da Armada, no Rio de Janeiro, a qual buscou a derrubada do presidente Floriano Peixoto. Deixando o campo de batalha na capital federal, uniu-se aos federalistas no Rio Grande do Sul e participou dos últimos combates da Revolução de 1893, vindo a ser morto em combate nas terras gaúchas. Uma das homenagens da poetisa foi através de um soneto (ALMANAQUE LITERÁRIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1899. p. 177) dedicado a lembrar a data da morte do militar revoltoso. Na edição póstuma, *Terra sáfara*, foram publicados três sonetos em homenagem ao almirante revolucionário. O primeiro, além de Saldanha da Gama, trazia a expressão “Herói e mártir”; o segundo simplesmente repetia o nome do homenageado, e o terceiro, além do nome, destacava a inscrição “Derradeira viagem”. Todos visavam a dar destaque aos feitos do militar e ao registro de sua ação em meio à memória popular²⁵.

O político gaúcho Gaspar Silveira Martins foi uma liderança do Partido Liberal, com grande repercussão no cenário provincial e nacional na época

²⁵ MONTEIRO, 1928, p. 115-116, 129-130 e 145-146.

monárquica. A partir da nova forma de governo, chegou a ser exilado, e, com a sua volta ao Brasil, tornou-se o maior chefe político do Partido Federalista e dos revolucionários na rebelião de 1893-1895, vindo a transformar-se em inspiração para os federalistas, mesmo após a sua morte. Ele foi a personalidade política mais lembrada por Julieta Monteiro que lhe dedicou muitos de seus versos, sintetizando assim sua militância na oposição ao castilhismo. Um desses poemas foi publicado no *Maragato*, tradicional folha oposicionista editada no Uruguai, na fronteira com o Rio Grande do Sul e tinha por título “Gaspar Martins” (O MARAGATO, Rivera, 23 jul. 1913, a. 17, n. 54, p. 3), vindo a ser reeditado posteriormente na obra póstuma *Terra sáfara*²⁶.

Assim, Julieta Monteiro desenvolveu, ao lado de sua carreira literária, uma veemente ação de militante. Foi ardorosa defensora da causa da igualdade e da emancipação feminina, redigindo editoriais, artigos, poemas, crônicas e polêmicas na defesa de tal bandeira. Sem cansar, dedicou sua vida ao aprimoramento da educação feminina e à busca de novas formas de inserção da mulher na sociedade. Em termos políticos, resistiu e opôs-se ao castilhismo e, nesse quadro, ao passo que a maior parte dos intelectuais anticastilhistas utilizou a prática de vociferar contra as lideranças republicanas e seus sectários, Julieta adotou um estilo diferenciado. Embora também chegasse a incorrer com veemência em tons exclamativos e exortativos, ela tecia as críticas aos adversários sem lhes citar os nomes, lançando mão de recursos discursivos como a ironia para atacá-los. Por outro lado, ela não poupou esforços para

²⁶ MONTEIRO, 1928, p. 121-122.

elogiar a ação e honrar a memória dos líderes federalistas, visando a demarcar o papel de tal agremiação como digna representante da liberdade dos sul-rio-grandenses²⁷.

A seleta que se segue constitui apenas um levantamento parcial de poesias da lavra de Julieta de Melo Monteiro, mais especificamente daquelas publicadas junto à imprensa periódica sul-rio-grandense. Além dessas, ela editou seus poemas em folhas de circulação nacional e internacional, mas estas não foram incluídas na seleção. Julieta foi uma poetisa prolífica e publicou seus trabalhos nos mais variados gêneros jornalísticos, como nos diários, nos literários, nos almanaques e até mesmo nos satíricos e caricatos. A coletânea traz preponderantemente o conteúdo de fundo melancólico da autora, mas também apresenta uma ou outra inserção de sua ação como militante intelectual em prol da causa feminina e federalista. Esta coletânea visa a apresentar ao leitor uma parte dessa produção poética, desde o início até o encerramento de sua carreira, envolvendo vários jornais gaúchos, à exceção do *Corimbo*, no qual ela atuou na redação ao lado da irmã Revocata Heloísa de Melo, e que merece um estudo de caso específico. Fica assim à disposição do público esta seleta, buscando despertar novos interesses para a análise da obra da escritora.

²⁷ Texto elaborado a partir de ALVES, Francisco das Neves. *Escrita feminina no sul do Brasil: Julieta de Melo Monteiro – poetisa, editora e militante*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2018.

A POESIA

NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM

Não te esqueças de mim quando para sempre
Meu triste coração adormecer,
Quando a pálida flor do isolamento
Junto à cruz do meu túmulo nascer.
(***)

Não te esqueças de mim quando à noite,
Embebido num sonho doirado,
Parecer-te escutar a teu lado
Uma voz, que o meu nome te diz.

Não te esqueças de mim quando à tarde,
Gratos sons de uma flauta distante,
Despertarem teu seio de amante,
Às lembranças de um tempo feliz.

Não te esqueças de mim quando ouvires
Das rolinhas a queixa saudosa,
Que semelha-se à voz lacrimosa,
De minha alma na triste solidão!

Não te esqueças de mim quando as flores
Na campina despertam sorrindo,
Pois minha alma também vai-se abrindo,
Aos eflúvios de teu coração:

Não te esqueças de mim quando um dia,
Triste dobre falar-te de morte;
Pois quem sabe meu Deus, qual a sorte,
Que o destino prepara-me enfim!

E se um à morada dos mortos,
Vagaroso teus passos guiares;
E o meu nome num túmulo achares,
Ajoelha-te e reza por mim!

Julieta N. de Melo

Rio Grande, 1875

ÁLBUM LITERÁRIO, Pelotas, 26 abr. 1875, 3ª série, a. 1, n. 9, p. 35-36.

(SEM TÍTULO)

Eu amo o deserto augusto
Repetindo a voz de amores
Da canção do pintassilgo;
Eu amo os prados, as flores,
Amo o riso em lábio triste,
Amo o gemido das flores.

(Macedo Júnior)

Perguntas se eu amo o ermo,
Nas noites de almo luar,
Quando a lua vem de manso
Beijar as águas do mar?
Perguntas se eu amo o ermo,
Nas noites de almo luar?

Escuta; eu amo as capinas
E as flores da solidão;
Amo a voz dos passarinhos,
Amo as brenhas do sertão;
Escuta, eu amo as campinas,
E as flores da solidão!

Amor ouvir nas horas mortas,
Terno gemer da rolinha;
Amo os suspiros da brisa,

Beijando agreste florinha;
Amo ouvir nas horas mortas,
Terno gemer da rolinha!

Amo as lúgubres florinhas,
Nascidas no cemitério;
Que encerram em cada pétala,
Poemas de atro mistério;
Amo as lúgubres florinhas,
Nascidas no cemitério!

Bem vez, em tudo que é triste
Minha alma encontra magia;
Assim nos sombrios ermos,
Eu sonho amor e poesia;
Bem vês, em tudo que é triste,
Minha alma encontra magia!

Rio Grande, – 26 de abril de 1875

Julieta N. de Melo

ÁLBUM LITERÁRIO, Pelotas, 10 maio 1875, 3ª série, a. 1, n. 11, p. 44.

AFLITA

Imitação

Desde a hora fatal em que partiste
Turbou-se para mim o azul do céu
E envolvi-me no manto da tristeza,
Como Safo na espuma do escarcéu.
(Narcisa Amália)

Desde o cruel momento em que partiste,
Nublou-se o róseo céu da minha vida,
E inclinei pensativa a enferma fronte,
Estátua do pesar, triste e sentida,
Desde o cruel momento em que partiste.

Eu que sorrira aos gozos desta vida
Desde a hora feliz em que te vira,
Vagueio agora triste e cismadora
Tangendo tristemente a minha lira,
Eu que sorria aos gozos desta vida.

Sou agora das selvas a rolinha
Buscando nas solidões um doce abrigo
Oh Deus, tu que és tão bom e poderoso,
Porque me apartas desse seio amigo?
Sou agora das selvas a rolinha.

Quando o crepúsculo estende o longo manto,
E envolve a terra inteira num mistério,
Eu pergunto por ti à flor e ao lago,
E escuto o nome teu num canto aéreo,
Quando o crepúsculo estende o longo manto.

Ai, embalde te busco, em vão te chamo,
Como outrora não vejo-te ao meu lado,
Acaso do destino a mão cruenta
Mudaria tão cedo o nosso fado?
Ai, embalde te busco, em vão te chamo.

Volve, volve veloz, vem ter comigo,
Deixa do mundo as galas e os primores;
Não vive a felicidade nos palácios,
Mas sim nos campos, vive o amor como as flores.
Volve, volve veloz, vem ter comigo.

Mas se ao voltar achares um sepulcro,
Onde eu durma, e um sonhar de felicidade,
Da quadra que passou, cheia de encantos,
Guarda ao menos, cantor uma saudade.
Se ao voltar só achares um sepulcro.

J. M. Monteiro

Rio Grande – 1877

PROGRESSO LITERÁRIO, Pelotas, 18 fev. 1877, a. 1, n. 3, p. 5.

CREPÚSCULO

Agora que a noite desce,
E o dia saudoso espira;
Como minha alma suspira
Saudosa do teu amor!

Se esta hora era a bendita
Dos nossos puros anelos,
Dos nossos sonhos mais belos
Cheios de crenças e ardor.

E tu, responde, distante
Do seio que te estremece;
Teu ser também não se aquece
Na doce recordação?

Não lembras que ontem ditosos,
Falamos de amor constante;
E que hoje, longe, distante,
Palpita teu coração!

Oh debes lembrar-te, eu creio!
Tua alma é toda poesia,
Não pode olvidar num dia
Protestos de amor sem fim!

Vem, não tardes, eu te espero
Cheia de louca ansiedade:
Que eu morrera de saudade,
Se te esquecesses de mim!...

Maio 12, de 1875

Penserosa

VIOLETA, Rio Grande, 7 abr. 1878, a. 1, n. 4, p. 3

À MINHA IRMÃ

Desse ditoso passado,
Guardo saudades sem fim;
Ai minha irmã adorada,
Nunca te esqueças de mim.

Revocata ouve o meu canto,
Despido de doce encanto,
Mas rorejado do pranto,
Que a saudade faz nascer;
Lá quando à tarde se inclina,
Envolta em densa neblina,
E morre no mar a ondina,
Não ouves terno gemer?

Não ouves voz maviosa,
Tristonha, meiga, chorosa,
Falar de quadra formosa
Que além nas sombras morreu,
Não te recorda o passado,
Sonho de amor encantado,
Em que vivia a teu lado
Um santo amor qual o meu?

Não lembras nossos brinquedos
Os nossos sonhos tão ledos,
Nossos risonhos folguedos

Que nunca mais voltarão?
E nuvem de atra amargura
Meiga e gentil criatura,
Dentro em tua alma tão pura,
Não sentes passar então?

É que essa quadra querida,
A mais tranquila da vida.
Oh! nunca, nunca se olvida,
Deixa saudades sem fim;
E nós, dois ramos nascidos
Juntos, e juntos crescidos,
Devemos viver unidos,
Ao menos em sonhos, sim?

Abril de 78.

J. de M. M.

VIOLETA, Rio Grande, 28 abr. 1878, a. 1, n. 7, p. 3.

MÃE

Foi palavra por anjos composta,
De um divino sorriso de Deus;
É mais santa que todas as frases
Que os anjinhos murmuram nos céus.
Foi palavra por anjos composta,
De um divino sorriso de Deus.

É mais prua que todas as rezas
Que um infante dirige ao Senhor:
É mais linda que um sonho de virgem
Que inocente não pensa em amor;
É mais pura que todas as rezas
Que um infante dirige ao Senhor.

Tem em si mais perfumes que o lírio,
Mais doçuras que o mel, que ambrosia;
Mais fulgores que o astro brilhante,
Que as belezas da terra alumia.
Tem em si mais perfumes que o lírio,
Mais doçuras que o mel, que ambrosia.

Foi palavra por anjos composta,
De um divino sorriso de Deus;
É mais santa que todas as frases
Que os anjinhos murmuram nos céus:
Foi palavra por anjos composta,

De um divino sorriso de Deus.

Maio de 78.

J. de M. M.

VIOLETA, Rio Grande, 12 maio 1878, a. 1, n. 9, p. 2.

À...

Via primeiro na quadra
Das rosadas ilusões;
Ela era então flor mimosa
Branca rosa dos sertões.

Via depois quando o gelo
Que traz a desilusão,
Cobrira com longo manto
Seu sensível coração!

E mais tarde quando a morte
Roubou-me aquela afeição,
Também via, oh Deus que mágoa,
Via morta num caixão!

E hoje que para sempre
Ela repousa, aí então,
Venho sagrar-lhe este canto;
Um canto de atra aflição.

J. de M. M.

VIOLETA, Rio Grande, 19 maio 1878, a. 1, n. 10, p. 3.

(SEM TÍTULO)

MOTE

Apolo, Minerva e Vênus,
Um conselho projetaram,
Depois dele decidido
A bela – Amélia – formaram.
Capitão J. P. de Oliveira

GLOSA

Misto de cantos amenos,
Perfumes, lírios sem fim,
Fizeram juntos assim
Apolo, Minerva e Vênus:
Depois juntaram-lhe os trenos
Que os serafins modularam,
E tal encanto encontraram
Nesse conjunto formoso,
Que em pensamento amoroso
Um conselho projetaram.

Aí foi pois discutido
Um PORTENSO projeto,
Formar um ente dileto,
Depois dele decidido;
Fosse ele um ente querido
Foi então o que sonharam,
E entre si consultaram

Um tipo de perfeição,
E cheios de inspiração
A bela – Amélia – formaram.

J. de M. M.

Rio Grande, 78.

VIOLETA, Rio Grande, 26 maio 1878, a. 1, n. 11, p. 3.

ESCUITA

A meu esposo

A toi toujours a toi. (Victor Hugo)

Tu queres um canto, desta alma que é tua,
Que é toda carinhos, ternuras por ti;
Pois bem ouve, escuta, são novos protestos
Que eu deixo-te agora gravados aqui.

Teu sabes que há muito que eu guardo no seio,
Teu nome querido, relíquia de amor,
E sabes que as frases de amor que me dizes,
São gotas de néctar de infindo dulçor.

Teus olhos serenos, se volvem-se ternos,
Nos meus se fitando com meiga expressão;
Parecem-me chispas dos astros cerúleos,
Parecem-me estrelas de mago condão!

Tua alma áurea urna, de santos carinhos,
Erário onde eu guardo meus sonhos de amor,
Tem mais harmonias que os hinos celestes,
Mais doces perfumes que os lírios em flor.

Assim se os meus sonhos de amor e esperança,
Meus doces anelos resumem-se em ti,

Recebe minha alma, meus hinos sentidos
E os ternos protestos que eu deixo-te aqui.

E lembra-te sempre que acima de tudo,
Dois entes eu amo, com ânsia e fervor,
A mãe que meus passos guiou até hoje,
E tu que me coroas de esperanças e amor!

J. de M. M.

VIOLETA, Rio Grande, 23 jun. 1878, a. 1, n. 15, p. 3.

AO INTELIGENTE JOVEM O SR. MORIWALD COSTA

(Em resposta às sua bela poesia)

... teus cantos inspirados
Pela luz da mocidade,
São belos como – noivados –
São ternos como – saudade. –
M. Costa

Poeta teus lindos versos
Repletos de inspiração,
Tem mais beleza que as rosas
Lindas, puras, do japão;
Têm mais perfumes que os lírios
Os lírios do coração.

Guardo-os com santo carinho
Qual se fossem de um irmão.
Pois teus versos me inspiraram
Fraterna e santa afeição;
Criança à luz do talento
Te envolve num seu clarão!

E por isso é que relendo
As trovas tuas singelas.
Eu curvo-me ao novel gênio,
Que entoa canções tão belas.
Saudando em ti novo astro

Entre as bráslias estrelas.

E sinto não ter qual dizes
Lira por Deus inspirada,
Pois em versos te diria
Ser de rosas tua estrada;
Teres por guia alva estrela
Nunca, nunca eclipsada.

Mas planta a para das SAUDADES
Que tu cultivas criança,
De tua alma nos canteiros
Rosadas flores de esperança;
Peregrino não vaciles
Vê que o céu é bonança.

Junho de 78.

J. de M. M.

VIOLETA, Rio Grande, 30 jun. 1878, a. 1, n. 16, p. 3.

(SEM TÍTULO)

A peregrina flor por quem minha alma,
Louca de amor mil vezes se extasia;
Tem escrito nas pétalas perfumosas
Um poema de amor e de harmonia!

É triste como o eco de um suspiro,
De um coração ardente e apaixonado,
E é por isso que eu sonho e que deliro
Ideando futuros a seu lado.

Às vezes quando a noite estende o manto
E surge lá no céu a prima estrela,
Fitando o firmamento sem falarmos
Ficamos longas horas, eu e ela.

Oh felicidade, oh sonho que embriagas
Deixa eu viver contigo ainda um instante,
Venha embora depois, manto da morte
Envolver meu futuro deslumbrante.

Penserosa

2 de outubro.

VIOLETA, Rio Grande, 7 jul. 1878, a. 1, n. 17, p. 3.

LEMBRANÇA DE MORRER

Quando no frio mármore do sepulcro,
O seio que te amou dormir sem vida,
E aragem ao passar triste e chorosa,
Desprender uma queixa dolorida;

Desprender uma queixa dolorida
Que semelhe-te a voz de um moribundo,
E o eco a repetir entre os ciprestes,
Qual gemido de dor, triste e profundo.

Qual gemido de dor, triste e profundo,
De quem lembra um passado venturoso,
Que sumiu-se nas brumas do mistério,
Deixando após de si pranto amargoso;

Deixando após de si pranto amargoso,
Irás tua alma oh flor dos meus anelos
Debruçar-se na beira do sepulcro,
E bafejar de amor os meus cabelos?

E bafejar de amor os meus cabelos,
E escutar se meu peito ainda palpita;
E se escutando a voz de quem amava,
Na fria sepultura ainda se agita?!

Ou deixando dormir ao esquecimento,

Quem tanto, tanto amor te há consagrado?
Sem ires uma vez sobre meu túmulo
Lançar um triste goivo desfolhado!?

Oh não, tua alma é cheia de ternura,
Teu coração é urna de bondade,
Bem sei que embora eu deixe a luz dos vivos,
Há de seguir-me eterna uma saudade!

Penserosa

1875

VIOLETA, Rio Grande, 14 jul. 1878, a. 1, n. 18, p. 3.

TU E EU

Tu és o lírio que perfuma os dias
Da triste virgem que de amor delira,
Eu, violeta, que na sombra morre,
Pobre criança que por ti suspira

Tu és o raio de brilhante estrela,
Que além vagueia no azulado véu;
Eu, vaga sombra que teus passos segue,
Sombra de um sonho, que por ti nasceu.

Tu és a nota maviosa e doce
De ebúrnea lira lá no céu tangida;
Eu voz rouquenha de instrumento rude,
Voando acaso em solidão perdida!

Tu és o cisne de mimosas penas
Do lago à beira desprendendo um canto;
Eu sou a rola que em contínua queixa
Lembra saudosa, solidão e pranto!

Tu és a imagem do ideal formoso
Que nos meus sonhos a sorrir criara;

Eu a figura merencória e triste,
Que em tua mente por além passara!

Penserosa

Junho – 75.

VIOLETA, Rio Grande, 21 jul. 1878, a. 1, n. 19, p. 4.

VERSOS – NO ÁLBUM DE MINHA IRMÃ

Quem entre os risos, os festins, as galas,
O amor e as mágoas que esta vida tem.
Não acha uma hora para lembrar saudoso,
A doce quadra que sumiu-se além?

Quem não relembra da passada infância
Gratas venturas que não voltam mais?
E que não verte doloroso pranto,
Quem não repete a soluçar – jamais!?

Ninguém, que a quadra em que o viver é sonho,
E o mundo um vale de perenes flores,
Também a mente é um turbilhão de risos,
E um ermo eterno de martírio e dores.

Assim meu anjo, minha flor querida,
Ai quantas vezes a cismar saudosa;
Chora minha alma recordando a infância
Flor que no caule já pendeu mimosa:

E tua imagem meiga flor dileta,
Sombra que eu tinha junto a mim constante,

Então mil vezes na minha alma a acorda
O amor fraterno de meu seio amante.

Penserosa

Outubro de 77.

VIOLETA, Rio Grande, 28 jul. 1878, a. 1, n. 20, p. 3.

LEMBRAS-TE?

Morria a tarde, o sol rubro esplendente
Num leito de safira reclinado,
Mandava o último adeus, ao bosque, às flores,
E um suspiro às boninas do valado.

Sobre as ondas do mar, manso, tranquilo,
Vogava uma barquinha nívea e bela;
Cantava o pescador, e ao longe eco
Repetia a canção triste e singela.

Do jasmineiro as flores odorosas,
Tombavam sobre alfombras de verdura;
E ao longe, muito ao longe a meiga fruta,
Soluçava de amor e de ternura.

Que tarde de emoções, lembrás poeta?
A natureza inteira se expandia,
Entreabrindo-se as flores mais mimosas
Aos bafejos da aragem que fugia.

Foi nessa tarde plácida e serena
Que pela prima vez nós nos falamos;
Recordaste, que amor e que mistério,
Que poemas meu Deus nós ideamos!

Que essa tarde passou bela e serena,

Bem me lembra meu Deus, faz hoje um ano,
E eu sou muito feliz por quem minha alma,
Jamais passou o véu do desengano!

Penserosa

Dezembro – 75.

VIOLETA, Rio Grande, 4 ago. 1878, a. 1, n. 21, p. 3.

SOU TRISTE

Sou triste como o adeus de um moribundo,
Como em noite sem fim incerto lume;
E minha alma se apaga neste mundo
Como a chama sutil de um vagalume.
(Pinto Monteiro)

Sou triste como o eco de um gemido,
Dum seio já sem crença e sem amor;
Como em meio de um bosque solitário,
A saudosa cantiga do pastor.

Sou triste como o goivo do sepulcro
Banhado pelas lágrimas do céu:
Como o pranto dorido da viúva,
Chorando o terno esposo que perdeu.

Sou triste como a frágil parasita,
Que o vento na passagem derrubou;
Como é triste lembrarmos essa quadra,
Que tão bela nos foi, mas que passou!

Sou triste como ouvir em horas mortas,
Nas janelas o vento sibilar;
Como em meio de um campo solitário,
Da coruja o terrível gargalhar!

Sou triste como em meio do naufrágio,
Ouvir do marinheiro a voz queixosa,
Só tendo por resposta a vos do vento,
E o bramido da onda revoltosa.

Sou triste como a planta que definha,
Sem orvalho, sem sol, só entre abrolhos;
E como ela eu morrera muito cedo,
Se não visse uma luz, a de teus olhos.

Penserosa

Dezembro – 75.

VIOLETA, Rio Grande, 18 ago. 1878, a. 1, n. 23, p. 2-3.

MEU NOME

Meu nome é triste e funéreo;
Como o derradeiro alento,
Dos lábios de um moribundo,
Na hora do passamento.
É como o eco do bronze
No seu dobrar agourento.

J. P. Ribeiro

Meu nome é triste e sentido
Como da vaga o gemer;
Eco de um canto perdido
Que vai nos ermos morrer;
Não diz amor sem ternura,
Não tem perfume ou magia;
É pobre flor da espessura
Batel sem norte, sem guia.

Meu nome é triste lamento
Da onda beijando a praia,
Merencório pensamento
Ou flor que na haste desmaia;
Tem mais tristezas que o dobre
Do sino no fim do dia;
Meu nome é mesquinho e pobre
Jamais inspira alegria.

Meu nome é o grito agoureiro
Dos mochos no cemitério;
É soluço derradeiro
Da alma que guarda um mistério;
Meu nome é flor sem perfume,
É luz que aos poucos se esvai,
É pranto, mas de ciúme
Que mudo desliza e cai.

Penserosa

187...

VIOLETA, Rio Grande, 15 set. 1878, a. 1, n. 27, p. 3.

★★

Viveu como uma flor tão curta vida
Ou foi uma esperança falecida,
Ou sonho que acabou;
(B. de Oliveira)

Ela era como a meiga violeta
Pudibunda, gentil, mimosa e bela,
Tinha na frente o fogo da poesia.
Tinha no olhar os raios da alva estrela,
Ela era como a meiga violeta,
Pudibunda, gentil, mimosa e bela.

Tirava do alaúde sons divinos
Quando cantava o amor e a natureza,
Tinha no seio as crenças de donzela,
E amava os sonhos de ideal beleza;
Tirava do alaúde sons divinos,
Quando cantava o amor e a natureza.

Indiferente aos gozos desta vida
Vivia a suspirar talvez, por Deus;
E Ele que a escutava nas alturas
Chamou-a para habitar junto dos seus;

Indiferente aos gozos desta vida,
Vivia a suspirar talvez por Deus.

Penserosa

Rio Grande – 78.

VIOLETA, Rio Grande, 6 out. 1878, a. 1, n. 30, p. 3.

DOIS DE NOVEMBRO – NO CEMITÉRIO

Quanto pranto meu Deus, quanta tristeza,
Que insondável mistério de ansiedade;
Quanta esperança desfeita num momento
Quanto goivo enlaçado de saudade?
Quanto pranto meu Deus! quanta tristeza,
Que insondável mistério de ansiedade.

Quanto rosado sonho de futuro,
Quanta ilusão ali no pó descansa;
Quanto anelo de glória, quanta crença
Dorme em seio de vate e de criança;
Quanto rosado sonho de futuro,
Quanta ilusão ali no pó descansa!

Tudo fala de dor, tudo são sonhos
Traduzindo mistérios de amargura;
Em cada campa encerra-se uma história
Que lembra a um coração doce ventura;
Tudo fala de dor, tudo são sonhos
Traduzindo mistérios de amargura.

Aqui era uma flor que desabrochava
Aos bafejos sutis do amor materno;
Ali meiga criança que inocente,
Só vivia a sonhar com o lar paterno;
Aqui era uma flor que desabrochava

Aos bafejos sutis do amor materno.

Mais além, terna esposa que saudosa
No coração levou dor penetrante,
Depois um seio virgem um poeta,
Uma mãe alva estrela deslumbrante;
Mais além, terna esposa que saudosa
No coração levou dor penetrante.

E de tantas imagens adoradas
De tantos seres caros à nossa alma,
Restam cinzas geladas num sepulcro
Restam prantos de dor que não se acalma;
Ai de tantas imagens adoradas
De tantos seres caros à nossa alma.

Oremos pois, os prantos e os suspiros
Misturemos às queixas do arvoredado,
Aos agourentos pios da coruja,
Aos mistérios cruéis desse degredo;
Oremos, pois, os prantos e os suspiros
Misturemos às queixas do arvoredado.

Penserosa

Rio Grande.

VIOLETA, Rio Grande, 3 nov. 1878, a. 1, n. 34, p. 3.

QUEM SOU EU?

Quem sou eu? Perguntei às florinhas
Aos regatos, às brisas do val;
Tudo mudo ficou, e eu choradno
Perguntei ao vizinho rosal:

- Quem sou eu que no meio dos gozos
"Em que as outras se julgam ditosas,
"Busco embalde um sorriso, uma esperança,
"Uma aurora de quadras formosas?

E o rosal tristemente fitou-me,
Suspirando depois respondeu:
– És criança que vives chorando
"Tua sorte dizer não sei eu.

Triste então como pobre vivente
Que só ama o que é atro e funéreo,
Quis saber quem eu era, e se acaso
Minha sina seria um mistério.

E ao goivo, ai à flor dos sepulcros,
Perguntei com tristeza sem fim:
– diz-me, acaso tu sabes quem sou?
E a florinha esfolhou-se ante mim.

Eu então já descrida, entre prantos

“Como a flor que o tufão desfolhou,
Escrevi no meu livro de crenças:
“Nada espero porque nada sou.”

Penserosa

VIOLETA, Rio Grande, 17 nov. 1878, a. 1, n. 36, p. 2-3.

CANTO DA SERRANA

Eu não gosto das salas suntuosas
Onde só a lisonja e o luxo impera,
Gosto mais do viver da minha choça
Onde há sempre o sorrir da primavera.

Eu não amo essas falas mentirosas
Que se dizem nas salas de esplendores,
Gosto mais de escutar as doces vozes
Dos serranos gentis, dizendo amores.

Eu não vivo a idear sedas, veludos,
Diademas que ofusquem com seu brilho
Sonho apenas coroar a minha fronte,
Com o recendente cândido junquilha.

Eu não amo a harmonia das orquestras;
Não encontro o dulçor que me inebria
Senão nesses cantares que eu escuto
No bosque e no sertão durante o dia.

E por isso ninguém me compreende
Ninguém vem dar-me um canto na sua alma;~

É que o mundo só vive de esplendores,
E eu,... só das afeições desejo a palma.

Penserosa

VIOLETA, Rio Grande, 22 dez. 1878, a. 1, n. 40, p. 3.

NÃO DESCREIAS

Em resposta à poesia “Descrença” do inspirado poeta Sr. Machado da Cunha

Quem há no mundo que aflições não passe
Que dores não suporte?
(...)
A vida é um fio negro de amarguras
E de longo sofrer;
Semelha a noite; mas fagueiros sonhos
Podem de noite haver.

Gonçalves Dias

Poeta que sofrer te dilacera,
Que dor tão fundo o seio teu oprime!
Acaso as glórias que sonhaste um dia
O amor, os sonhos de ideal sublime
Vistes desfeitos pelo pó rolarem?!
Porque soluças?

Que martírio oculto
Dorme em teu seio de poeta ardente?
Porque a descrença com seu longo manto
Há de teus sonhos envolver tão cedo?...
Não vês que a glória te acenando ufana
Diz-te: – caminha que eu feliz te espero...
Porque descreer quanto o futuro é lindo?!

Se em meio aos lírios perfumosos, belos,
Que em tua estrada hás deparado, acaso
Tristonho goivo se enlaçou choroso:
É que o poeta tem de dor a sina;
Entes fadados a viver cantando,
Misturam rosas aos ferais ciprestes,
Tristes suspiros a sorrisos ledos.

Canta poeta, mas não só tristezas,
Deixa a esperança vir de quando em quando
Terna e mimosa bafejar teus cantos;
Porque há de a frente que nasceu quem sabe,
Para ser coroada de virentes louros
Tombar gelada sobre um chão sem crenças?!

Oh este vale a que chamamos mundo,
Este deserto só de mágoas cheio,
Não, não merece teus sentidos prantos,
Pois não compreende tão profundas dores.

J. de M. M.

Rio Grande – 79.

VIOLETA, Rio Grande, 20 abr. 1879, a. 2, n. 45, p. 3.

TRISTEZA

Não sei que tristeza imensa,
Que dor tão funda, meu Deus,
Vem qual nuvem de desgraça
Turbar róseos sonhos meus,

Às vezes quando à tardinha
Na mão a face apoiada,
Relembro passados gozos
Sonhos da alma apaixonada:

Parece que a meus ouvidos
Soa voz desconhecida,
Eco talvez da que outrora
Era por mim tão querida.

Não sei, apenas conheço
Não ser mais quem fui outrora!
Nuvem de dor abafou-me
Sorrisos inda na aurora.

Penserosa

Rio Grande – 79.

VIOLETA, Rio Grande, 20 abr. 1879, a. 2, n. 45, p. 3.

O ESTUDO

É no estudo apurado das letras
Que a mulher procurar deve a luz,
Não nos bailes, nas salas festivas,
Onde a louca vaidade transluz.

Estudar é buscar um futuro
Nobre, santo, querido por Deus,
Estudar é buscar no trabalho
Desvendar das ciências os véus.

Estudai, pois oh! flores singelas,
Meigas virgens que em trevas viveis;
Que áureo prêmio de vossos trabalhos,
No saber muito breve achareis.

VIOLETA, Rio Grande, 20 abr. 1879, a. 2, n. 45, p. 4.

VIDA NA ROÇA

Levantar quando o dia desponta,
Ver o gado pastando no val,
E ir ainda tontinha de sono
Tomar leite no fresco curral:

Depois leda correr nas campinas,
Colher flores agrestes, mimosas.
Escutar os trinados das aves,
Das roceiras cantigas saudosas:

À tardinha na beira da estrada
Ver a tropa passar, e o tropeiro
Recordar em seu canto saudoso,
Doce infância, áureo tempo fagueiro:

E mais tarde lá quando da noite,
Negro véu se estendeu pelos ares,
Ver bailar as alegres roceiras
Ao som meigo de alegres cantares:

É a vida querida da roça
Doce vida que eu sempre amarei:

Ai dos dias aí deslizados
Que profundas saudades guardei!

Rio Grande – 79.

Penserosa

VIOLETA, Rio Grande, 11 maio 1879, a. 2, n. 47, p. 4.

UMA NOITE NO MAR

Não há nada mais triste e mais belo
Que uma noite passada no mar;
Escutando os gemidos das vagas,
Dos marujos o triste cantar:
Não há nada mais triste e mais belo
Que uma noite passada no mar.

Quer a lua se oculte entre nuvens,
Quer se ostente brilhante o luar,
Tem encantos que prendem, seduzem,
Uma noite passada no mar.
Quer a lua se oculte entre nuvens
Quer se ostente brilhante o luar.

Passam brisas que dizem segredos
Que despertam no seio a cisma,
Geme o vento nas velas da barca
Como é bela uma noite no mar!
Passam brisas que dizem segredos
Que despertam no seio a cismar.

Dentro da alma despertam saudades
De um passado de imenso gozar:
Astros, brisas, gemidos das (...).
Tudo é belo (...)!
Dentro da alma despertam saudades

De um passado de imenso gozar.

Vai nossa alma num voo de garça
Em longínquas paragens vagar.
Cabem prantos na face abatida
De quem passa uma noite no mar...
Vai nossa alma num voo de garça
Em longínquas paragens vagar!

Rio Grande - 79

Penserosa

VIOLETA, Rio Grande, 15 jun. 1879, a. 2, n. 50, p. 3.

O DESCRIDO

Não perguntem sua história,
Não tentem sabê-la, não;
Já teve amor, teve crenças,
Hoje não tem coração.

Desce a noite, o céu tem astros
Cheios de vivo esplendor;
Brincam na praia as ondinas,
A brisa murmura – amor –
Desce a noite o céu tem astros
Cheios de vivo esplendor.

Os vagalumes nos ares,
Com seus luzeiros incertos
Voam, revoam travessos
Pousam nos galhos quietos.
Os vagalumes nos ares
Com seus luzeiros incertos.

Na terra tudo tem galas,
Nos ares tudo harmonia,
No firmamento esplendores,
No coração – poesia –
Na terra tudo tem galas,
Nos ares tudo harmonia.

Só ELE passa insensível,
Frio, mudo indiferente;
A multidão chama – o louco –
Ele se chama – descrente! –
Só ELE passa insensível
Frio, mudo indiferente.

Rio Grande – 79.

Penserosa

VIOLETA, Rio Grande, 29 jun. 1879, a. 2, n. 51, p. 3.

AS NOVAS IDEIAS – A propósito de uma crítica

Na época fatal em que o lirismo expira
Não me é dado cantar senão mundanas galas;
Pois bem, não falarei de rosas, nem perfumes;
Conquanto é bem real que há – rosas – pelas salas.

Oh frio realismo, oh torpe e inexorável
Diz-me o que hei de cantar que agrade à tua escola?
As galinhas? o gato? as couves lá da horta?
Meu Deus! que realismo em minha mentirola.

No que hei de me inspirar? nos lírios da campina,
Nos arbustos gentis, nas róseas borboletas?
Não, que tudo emudece quando o lirismo morre
Só crescem girassóis, matando as violetas.

Pois bem, se não encontro jamais o que me inspire
Desde que nas áureas nuvens o ideal alou-se,
Adeus musas gentis, de mim não mais se lembrem
Que com o ideal, o estro meu finou-se.

Rio Grande – 79.

Penserosa

VIOLETA, Rio Grande, 6 jul. 1879, a. 2, n. 52, p. 4.

A CEGA

Tinha na nívea face peregrina
Muito encanto meu Deus; mas a tristeza
Parece que estendera um véu sobre ela,
Ai sobre aquele anjinho de beleza.

Amava o seu jardim, que nunca vira,
Conversara com as brisas e com as flores,
Falava-lhes de amor, e só Deus sabe,
Que poemas de crenças e de ardores.

Passava horas inteiras no silêncio,
A pensar no presente e no futuro;
Ai pobre flor que em sombras se criara,
Sem jamais contemplar um céu mais puro.

Um dia pareceu-lhe que essas trevas
Que a tanto lhe cercavam a existência,
Dissipavam-se e via um astro puro,
Um astro sem igual magnificência.

Pobre cega, o clarão que a deslumbrava
Era a luz de outra vida mais brilhante:

Abrira-se pra ela a vida eterna,
Porque a tanto vivia ela anelante.

Rio Grande – 79

Penserosa

VIOLETA, Rio Grande, 13 jul. 1879, a. 2, n. 53, p. 4.

HORAS DE DOR

À minha mãe

Quando a vigília acorda em nosso peito
Recordações saudosas de outras eras,
E sentimos que as nossas primaveras
Vão da morte inclinando-se no leito:

Quando a vaga tristeza nos inunda,
E sofremos às vezes sem conforto,
Chegando a largos passos para o horto
Sem jamais entender mágoa tão funda;

Ou quando a meiga estrela da bonança
Num céu todo gentil, todo esperança
Começa a desmaiar perdendo a cor;

Aonde pode haver mais felicidade
Senão no teu olhar todo bondade,
Senão na tua voz que é toda amor?

Rio Grande – 1881

Julieta de M. Monteiro

ECHO DO SUL, Rio Grande, 30 jan. 1881, a. 28, n. 321, p. 1

O REMORSO

Tem na face os livores mortuários
E no olhar o desvaire que alucina;
Tem na fronte mais gelo que os sudários.
No todo o negro horror que nos fulmina,

Caminha espavorido, sem ter sina
Vai esbarrar talvez no atro calvário;
A dor de Prometeu menos ferina
Foi, por Deus, que a do espectro sem fadário.

Esqueleto de dentes aguçados
Fere aos poucos os histes desgraçados
A quem louco persegue sem cessar.

Infelizes! De Tântalo o suplício,
Os martírios horrendo do cilício.
São mais dores talvez de suportar.

Rio Grande

Julieta de M. Monteiro

ECHO DO SUL, Rio Grande, 14 jun. 1881, a. 28, n. 250. p. 1.

À REVOCATA

Pintar uns olhos negros, langorosos,
Uns lábios pequeninos, delicados,
Uns perfumes sutis e vaporosos,
Uns pés mais que gentis, pés adorados;

Pintar a tez mimosa de teu rosto
A voz que me fascina e me embriaga,
Uns traços que nos lembram um desgosto,
Um sentir de expressão mais do que maga;

Pintar sonho de amor que alguém compreende,
Uma esperança de glória e de futuro
Que todo o nosso ser com ânsias rende;

É mais fácil para mim, eu te asseguro,
Que pintar a afeição que a ti me prende,
Estrela do Senhor, meu anjo puro.

Julieta Monteiro

Rio Grande – 1881.

REVISTA LITERÁRIA, Porto Alegre, 17 jul. 1881, a. 1, n. 24, p. 191-192.

7 DE SETEMBRO

Brasil, Brasil, mais um dia
Vem recordar a teu povo
Que um sol de brilho mais novo
No nosso céu irradia;

De há muito a tela sombria
Despedaçou-se, e o nefando
Grilhão por terra tombando
Livre deixou quem gemia;

Gigante, erguendo-te ufano
Viram-te olhar soberano
A luz que via dalém.

Era a santa liberdade,
Facho que diz igualdade
E aclara a senda também.

Rio Grande, 1881.

Julieta de M. Monteiro

O LÁBARO, Porto Alegre, 7 set. 1881, a. 2, n. 35, p. 1.

SÓ

Num manto de safira a estrela brilha
Silente como o olhar de quem padece,
E a lua, enamorada poetisa,
Saudosa beija o mar que se enlanguesce;

Debruçam-se indolentes de mansinho
Na branca janelinha as trepadeiras,
Enquanto ao ar subindo vão perfumes
Que enlaço às minhas cismas mais fagueiras.

Distante, muito além uns sons se escutam,
Talvez que um menestrel descante agora
E aos raios do luar bebendo esperanças
Sua alma sinta a fé que então vigora.

É tudo santo aqui, puro, sublime
Do céu emanação sobre nós desce
E beija-nos o seio, que às lembranças
De um tempo que passou feliz se aquece.

Julieta de M. Monteiro

Rio Grande - 1881

REVISTA LITERÁRIA, Porto Alegre, 23 out. 1881, a. 1, n. 36, p. 281-282.

EM FAMÍLIA

O pai, de pé, junto à estante,
Folheia um grosso alfarrábio,
Tendo no olhar penetrante
A luz, os traços do sábio.

O filho, pálido, louro,
Franzino, terno, inspirado,
Contempla a irmã, enlevado
No seu mais caro tesouro.

Ela, a travessa morena,
Deixa escutar voz amena
Que enche de encantos o ar.

Enquanto as mãos delicadas,
Correm nas teclas nevadas
De um bom piano de Erard.

Rio Grande, janeiro de 1882.

Julieta de Melo Monteiro

TRIBUNA LITERÁRIA, Pelotas, 15 jan. 1882, a. 1, n. 3, p. 4.

ARRUFOS

Estão mal, a moça zelosa
Finge que está distraída
E esfolha, um tanto sentida,
Botão de cândida rosa,

Ele é poeta e folheia
Um livro, em ar descuidado,
Lançando, um pouco zangado,
Fervente olhar à sereia,

De quando em quando um suspiro
Perturba a paz do retiro
Traíndo a raiva dos dois,

São negras nuvens que passam,
Soluços que se entrelaçam
Aos risos que vêm depois.

Rio Grande – novembro de 81

Julieta de Melo Monteiro

TRIBUNA LITERÁRIA, Pelotas, 29 jan. 1882, a. 1, n. 5, p. 4.

CROMO

Ao distinto poeta Garcia Rosa

São vastas salas forradas
De papéis adamascados,
Tendo abertas as sacadas
Com festões entrelaçados;

Nas paredes pendurados,
Refletindo um céu de dadas,
Brilham espelhos quadrados
Com molduras arredondadas;

Vestindo finas roupagens
Com prateadas folhagens,
Anjos se ostentam no lar;

Ouvem-se os sons de uma valsa,
E o dândi que as luvas calça
Garboso vai tirar par.

Rio Grande – fevereiro 82

Julieta Monteiro

TRIBUNA LITERÁRIA, Pelotas, 20 fev. 1882, a. 1, n. 8, p. 4.

NA SALA DE JANTAR

A Aniceto Pinto Monteiro

Os dois velhos reclinados
Em poltronas estofadas,
Conversam mais que enlevados
Nas suas eras passadas;

As filhas ouras, mimosas,
Alegres, vivas, coradas,
Que mais parecem-me rosas
Lindas, gentis, perfumadas,

Bordam, falando e sorrindo
A um moço que as vai ouvindo
Com a mais fiel atenção,

Enquanto que o rei do dia,
Pela aberta gelosia
Manda seu vivo clarão.

Rio Grande, janeiro de 82

Julieta de M. Monteiro

TRIBUNA LITERÁRIA, Pelotas, 26 fev. 1882, a. 1, n. 9, p. 4.

(SEM TÍTULO)

Uma noite no clarão da sua glória
Teve o filho de Deus um sonho louro,
Despertou, e nas páginas da história
Pressuroso escreveu teu nome de ouro.

Depois formou-te um ser frágil, mimoso,
Um misto de criança e de portento,
Uma espécie de arcanjo vaporoso
Resplandecente das luzes do talento.

Deixou-te tão bela, tão sublime,
Que o seu prazer ao ver-te não se exprime,
Não se pode expressar, foi sem igual.

Olhou depois a terra enternecido
E disse, via oh Gemma, ente querido
Que eu bendirei daqui o teu fanal.

Julieta de Melo Monteiro

TRIBUNA LITERÁRIA, Pelotas, 14 mar. 1882, a. 1, n. 11, p. 2.

NO JARDIM

Júlia e Maria passeiam
Tendo as mãos entrelaçadas,
Falam de coisas passadas,
Lindos futuros ideiam.

A mãe, um pouco distante,
Faz regar as lindas flores,
Lançando aos seus dois amores
Olhar terno e penetrante;

Segue-a loura, alva criança
Que de falar se não cansa
E folga e ri sem cessar;

No entanto, fora, enlevado,
Alguém na cerca encostado
Contempla a cena a cismar.

Rio Grande, março de 1882

Julieta Monteiro

TRIBUNA LITERÁRIA, Pelotas, 19 mar. 1882, a. 1, n. 12, p. 4.

CROMO

Ao inspirado poeta Luís Nobrega

Sentado junto da mesa
Onde fumega o café,
Com uns tons de morbidez
Faz Mariquinhas crochê;

Em frente, o mano amoroso
Pela vizinha querida,
Fala um tanto esperançoso
Dos seus projetos de vida;

A mãe, formosa matrona,
Com terno olhar de madona
Contempla a cena a sorrir,

Enquanto o cão, vivo, atento,
Fora da porta, ao relento
Aguarda quem falta vir.

Rio Grande, 1882

Julieta de M. Monteiro

TRIBUNA LITERÁRIA, Pelotas, 23 abr. 1882, a. 1, n. 17, p. 4.

CREPÚSCULO

À minha amiga Revocata dos Passos Ribeiro

Desce a tarde, a noite espreita
Vem depois lenta chegando;
Foge o sol e a fronte deita
Num tapiz suave e brando.

Busca a rola o ninho amado
Beija a prole idolatrada:
Alvas flores do valado
Erguem a fronte encantada.

Do lago à beira as crianças,
Como um bando de esperanças,
Como um sonho de alegria.

Brincam correndo e saltando;
Enquanto o sino tocando
Dá sinal da Ave-Maria!

Julieta Monteiro

Rio Grande – 1882

O PERVÍGIL, Pelotas, 27 ago. 1882, a. 1, n. 9, p. 2.

À MINHA QUERIDA MÃE

Dos carinhos, dos gozos passados
Que me resta no mundo? Mais nada,
Pois meus sonhos mais meigos, rosados,
Tu levaste oh mãe doce e amada.

Nada, nada, solidão, desalento,
Pranto amargo, saudade sem fim,
Minha mãe, minha mãe, que tormento,
Não me deixes viver mais assim!

Clama, clama ao Senhor, pede ardente
Que me chame ao seu reino florente,
Que me leve para junto de ti...

De que serve o viver sem falar-te,
Sem a fronte com ânsias beijar-te,
Sem teu peito apertar contra mim?

Dezembro – 82

J. M. M.

ARAUTO DAS LETRAS, Rio Grande, 10 dez. 1882, a. 1, n. 18, p. 1.

MINHAS CRENÇAS

Elas são meigas florinhas
Pressentindo atrozes gelos:
Como um bando de andorinhas,
Procuram mundos mais belos.

Ai! socorre as pobrezinhas,
Dá-lhes carinhos, desvelos;
Abre o seio às crenças minhas,
Plenas de amores, de anelos!

Só tu podes contra a sorte
Abrigá-las; vento norte,
Bem vez, as quer desfolhar.

Só no calor de teu seio,
Onde tanto amor eu leio,
Poderão viço encontrar.

Julieta de Melo Monteiro

Rio Grande – 83

O PERVÍGIL, Pelotas, 8 abr. 1883, a. 1, n. 41, p. 2.

O RETRATO

No meu modesto quarto, em frente ao leito
Onde passo a cismar horas sem fim,
Existe o seu retrato, tão perfeito
Como a luz desse olhar de querubim

Quando a funda saudade me lacera,
E fitando-o soluço, envolta em pranto,
Não sei de mim então que se apodera,
E vou beijá-lo qual se beija um santo!

Sempre a seus pés me curvo antes que ao leito
Vá confiar as dores deste peito,
Mártir na doce aurora das quimeras.

Peço-lhe então, chorando, algum conforto,
E que às lúgubres flores deste horto
Mande um beijo do sol de antigas eras.

Julieta de Melo Monteiro

Rio Grande – 1883

O PERVÍGIL, Pelotas, 22 abr. 1883, a. 1, n. 43, p. 2.

NA CHÁCARA

Ao talentoso preceptor Cipriano Porto Alegre

Iaiá faz renda, assentada
Junto do irmão que medita
Fitando alguém na estrada
Vem cantando a *chimarrita*;

A prima, moça bonita
De trança negra anelada,
Procura atar uma fita
Numa camélia encarnada;

Um quero-quero ligeiro,
Colhe formigas contente
Num verdejante canteiro;

Além na grama vivente
Dorme tranquilo um rafeiro
Aos pés de um moço tenente.

Rio Grande, 1883.

Julietta de M. Monteiro

ARAUTO DAS LETRAS, Rio Grande, 7 jun. 1883, a. 2, n. 16, p. 1.

PRANTOS

Morte, morte cruel porque roubaste
Tanta esperança que em seu peito havia,
Porque enlutaste o seu sonhar de moço,
E transformas-te em dor o que sorria?

Pois tu não vias que à existência dele
Tanta pobre existência se prendia?
Porque trocaste aqueles risos todos
Por essa noite lúgubre, sem dia?

Triste sina! Na quadra mais florida,
Em vez de alfombras de cheirosas flores,
Encontrou sob os pés o frio enorme,
E envolveu-se da morte nos horrores.

Dorme em paz doce e pálida bonina,
Que o teu sono deslize sossegado,
E não possas saber, para que não sofras
O que vai no meu peito amargurado.

Já tinha a noite caído
Lúgubre, triste, saudosa,
Como a nota suspirosa
De um instrumento de além,

Quando ele cansado, exangue,
De uma luta árdua e cruenta,
Deitou a fronte suarenta
E disse à morte: – eia, vem!

“Cansei de sofrer, agora
“Dá-me, dá-me algum descanso,
“Do teu seio no remanso
“Preciso ao fim repousar:
“Já que os gozos desta vida
“Foram para mim passageiros,
“Eu quero os sons agoureiros,
“Eu quero o sono sem par.

E a morte abrindo-lhe os braços
Colheu-o num louco anseio,
Uniu-o bem contra o seio
E deu-lhe o beijo fatal.
Depois... silêncio profundo,
Depois a dor sem esperança,
Depois somente a lembrança
Sem um ditoso fanal.

Julieta de M. Monteiro

COMÉDIA SOCIAL, Rio Grande, 13 maio 1888, a. 1, n. 32, p. 1.

MINHA ALMA

Triste, profundamente triste, agora
Anda minha alma, que em constante anseio
Continuamente no silêncio chora!

Parece que somente ao mundo veio
Para sofrer os golpes mais cruentos
Que Deus pode mandar ao humano seio.

De dia em dia vagarosos, lentos,
Eles ferem sem dó a quem sonhara
Mais suaves, mais prósperos momentos.

De prazeres a sorte foi-lhe avara;
E sê-lo-á? Quem sabe, até o instante
Em que um poder supremo diga: – para.

Não mais a dor cruel e lancinante,
Deixemo-la dormir o eterno sono;
Além, talvez, esperem-na anelante
Outra que aqui deixou-a no abandono.

Rio Grande, 1888.

Julieta de Melo Monteiro

PROGRESSO LITERÁRIO, Pelotas, 29 jul. 1888, a. 3, fase 2, n. 5. p. 3.

À MOCIDADE

Lutemos, sim, ó mocidade. A vida
É a esperança risonha do futuro;
Tropeça e cai num tremedal escuro
Quem não desvenda a luz, a luz querida.

Ela vive nos livros e na escola;
Procuremo-la, pois, no afã do estudo,
Rompendo as trevas, perscrutando tudo,
Que a nós mesmos daremos doce esmola.

Lutemos, mocidade esperançosa,
Façamos por transpor negra barreira
Que a aurora de amanhã será formosa.

Subamos a mais alta cordilheira,
E lá, no cimo, esplêndida, orgulhosa
Deixemos tremular nossa bandeira.

Rio Grande – 1888

Julieta de Melo Monteiro

PROGRESSO LITERÁRIO, Pelotas, 26 ago. 1888, a. 3, fase 2, n. 9. p. 6.

SAUDADE ETERNA

Partiu, mas na minha alma o seu retrato
deixou gravado com as mais cores,
e revê-lo de instante a instante é grato
a mim que dei-lhe meus febris amores.

Não poderá o tempo, embora o tente,
arrancá-lo do cândido sacrário
onde o pousei, do coração bem rente,
qual se fora um bendito relicário.

E, mesmo quando a morte procurar-me
para a jornada que se chama eterna,
não hei de dessa mensagem apartar-me.

Nossa afeição na terra foi superna,
há de, portanto, ainda *além* beijar-me,
ser no negro da campa áurea luzerna!

D. Julieta de Melo Monteiro

Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1891. Rio Grande:
Carlos Pinto & Comp. Sucessores, 1890. p. 214.

PREITO À FRANÇA

A ti que és a primeira entre as primeiras,
sempre ufana seguindo na vanguarda;
a ti que à liberdade fazes guarda
sem afastar-te um passo das trincheiras;

a ti que não vacilas nas fileiras,
que tens filhos heróis que honram a farda;
a ti que tens um riso a quem resguarda
o peito às baionetas estrangeiras;

a ti que foste o berço auri-rosado
do homem pelo século proclamado
a glória das modernas gerações,

o Brasil, que é também altivo e nobre,
curva-se agora e humilde se descobre
da gratidão nas santas efusões!

D. Julieta de Melo Monteiro (Rio Grande)

D. PEDRO SEGUNDO, Rio Grande, 4 jan. 1892, número único comemorativo. p. 4.

A CHEGADA DO INVERNO

Eis-nos do inverno às portas: descorados
nascem os dias, gélidos, sombrios,
e após as noites com seus véus nublados
e os beijos do sereno, frios, frios.

A natureza cobre-se de um manto
tristonho, glacial, quase funéreo,
e as árvores, despidas, sem encanto,
trazem à mente a dor de um cemitério.

Desfalecem os lírios na campina,
o rio entoa uma canção magoada,
pende no caule a flor bela e franzina,
emudece na rama a passarada.

É só a chuva, o frio, o vento irado
armam alegres tendas no caminhos;
crê-se a natura um túmulo gelado,
onde a ave da morte fez seu ninho!
D. Julieta de Melo Monteiro
(Rio Grande)

Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1894. Rio Grande:
Carlos Pinto & Comp. Sucessores, 1893. p. 201.

DEPOIS DA TEMPESTADE

Como se de uma fada a mágica varinha
Tocasse o negro céu, mudando-o num instante,
Eu vi surgir além, num manto azul, brilhante,
Mimosa aparição, das noites a rainha.

E esse trevoso véu que o firmamento tinha
Rompeu-se ante a visão da pálida anelante;
O vento serenou, e o mar, leão possante,
Como que suspirou uma canção marinha.

Toda a natura em paz; silêncio pelo espaço,
A tempestade atroz passara sem que um traço
Deixasse a enegrecer esse painel ridente...

Ah! murmurei sozinha em doloroso anseio:
- Só de minha alma, após o temporal, não veio
A bonança ofertar o beijo seu, florente.

Rio Grande – 1893.

Julieta de Melo Monteiro

Almanaque Popular Brasileiro para o ano de 1894. Pelotas: Livraria Universal, 1893. p. 127.

FRAGMENTO

Para pensar em ti, às vezes fecho os olhos
e deixo o pensamento as asas estender
por esse espaço azul, onde não há abrolhos
e pode a crença morta inda florir, viver!

E ele, o viajero, o peregrino ousado
que não teme vulcões, nem raios, nem procelas,
transporta-me a sorrir a um templo auri-rosado,
onde as cenas de amor deslizam-se mais belas.

E amo e sonho e gozo uma ventura infinda,
revendo o que morreu, o que extinguiu-se há tanto...
Seguindo o pensamento em sua rota, ainda
meu coração palpita em dulçoroso encanto.

Para pensar em ti, afasto-me das salas,
exilo-me do mundo e busco as solidões;
aí, na brisa olente eu creio ouvir-te as falas
e o murmúrio sutil dos nossos corações!

Na asa do pensamento a divagar errante,
transponho o lar gentil onde vivi um dia;

e ainda sou feliz uma hora, um só instante,
nos mundos do ideal, nos mundos da poesia!

D. Julieta de Melo Monteiro (Rio Grande)

Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1895. Rio Grande:
Carlos Pinto & Comp. Sucessores, 1894. p. 129.

ESPERAR

Esperar, esperar, eis a fatal legenda
Que acompanha o mortal na tormentosa senda
Que do berço vai dar á lúgubre morada!
Esperar, esperar desde a manhã rosada
Até o desdobrar do manto nebuloso...
E nunca ver surgir esse porvir ditoso
E nunca ver brilhar o astro fulgurante
Que mostra o porto amado ao peregrino errante!
Esperar, esperar, e após um, outro dia
Ver raiar sem calor, sem brilho, sem magia,
Nesse cruel vaivém que as almas enlanguesce.
E embalde ao céu pedir em fervorosa prece
O ramo de oliveira, o ramo desejado
Em noites de vigília, ao som belo, encantado,
De uma ignota voz, talvez do céu partida,
E somente o silêncio impávido, sem vida
Responder glacial à súplica anelante,
Eis qual é a nossa sina, até o grato instante
Em que a morte a sorrir estende-nos os braços,
Unindo-nos a si com vigorosos laços!

Tombam então por terra as flores da esperança,
Morre a crença e a ilusão, mas o mortal descansa!

Rio Grande

Julieta de Melo Monteiro

Almanaque Popular Brasileiro para a ano 1895. Pelotas: Livraria Universal, 1894.
p. 162.

INTERROGAÇÃO

Branca e mimosa flor que dos jardins etéreos
por capricho talvez te desprendeste um dia,
e, entre as flores mortais, encantos teus sidéreos
espalhaste a sorrir, em ondas de magia;

estrofe divinal de divinal poesia,
poema a traduzir um mundo de mistérios,
murmúrio sutil de mística harmonia,
de harpa tangida além como uns que sons aéreos;

ó tu em cujo olhar perscrutador, profundo,
antevi, sabe-o Deus, ora um abismo fundo,
ora vivos clarões de um dia todo luz;

porque deixaste a morte, essa cruel tirana,
num abraço fatal prender-te desumana,
levando-te para além, para junto de uma cruz?

D. Julieta de Melo Monteiro (Rio Grande)

Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1896. Rio Grande:
Carlos Pinto & Comp. Sucessores, 1895. p. 177.

PSALTÉRIO

A Mário de Artagão

Livro do coração, livro encanto e lindo,
 Onde do santo amor abriu-se o cofre infindo
 E as pérolas sutis mostravam seu fulgor.
 Livro que é todo luz, livro que é todo amor!
Alvorada gentil, sem nuvens tormentosas,
Profecia de um sonho em noites deleitosas,
Barcarola do céu, que eleva-nos além
 Por esse *Azul em fora* onde só vive o bem...
 Doce *Trio de amor* a rescender candura
 De uma alma santa e meiga e casa e boa e pura.
 Rosada, áurea *Visão* das tardes estivais,
 À *beira mar* traçando uns quadros ideais,
 Sem sustos, sem *Temor* e sem *Pressentimento*,
 Fazendo *Confidência* em murmúrio lento
 À *Santa* que a sorrir seus dias enflorou,
 À *Morena* que o céu na terra lhe mostrou.

Sugestões do luar, oh! quanto sois formosas,
 Quando *Ausente* a chorar as lágrimas saudosas,
 Sinto insensivelmente aos lábios me assomar
Censura que me vem ao coração falar.
 Após, junto *Ao piano* a *Mea culpa* ouvindo,
 No *Juízo final* se fica refletindo,
 Enquanto a *Buena Dicha* em belas profecias,
Casta e doce nos fala em venturosos dias,

Sem frios hibernais, sem gelos, sem descrenças,
Pois que as *Hibérnias* têm fulgurações imensas.
E... ajoelha-se ao fim, contrita, amargurada,
Ferindo o coração e a *Alma flagelada*,
Que os *Escombros* em si encerram tal magia
Que fazem recordar poemas de agonia!

Oh livro belo e puro! oh livro imaculado!
Evolva-se de ti o aroma delicado
De uma alma que se abriu qual um botão olente
Aos beijos de manhã serena e resplendente.
A pena que traçou tão ternas melodias
Jamais se manchará nas descrições sombrias
Desses quadros sem luz, desses painéis cruentos
Onde há vultos sem fé, espectros macilentos,
Que ao vício e ao crime atroz se curvam a sorrir,
Desconhecendo o *Bem*, que faz o bem sentir.
Bendito sejas tu buquê de níveas rosas,
Templo azul, cor do céu, sem manchas nebulosas.

Abençoadas mãos, nascidas e fadadas
Para o *Psaltério* ideal tangerem inspiradas!

Rio Grande

Julieta de Melo Monteiro

Almanaque Popular Brasileiro para o ano de 1896. Pelotas: Livraria Universal,
1895. p. 224-225.

CARTA A DAMASCENO VIEIRA

Colega.

Bendito seja
O bom Deus, que a prece ouviu
De quem tanto vos deseja,
De quem tanto se afligiu.

Graças que, empunhando a pena,
À liça voltais sorrindo,
De frente ativa e serena.
- Poeta, sê bem vindo!

Vossa carta graciosa,
Simples, modesta e galante,
Veio ao fim, a caprichosa,
Que era esperada anelante.

Parabéns. Deus vos conserve,
Deus vos dê muitas venturas,
De tristeza vos preserve,
De tormentos, de amarguras.

Vejo que na nossa terra
Vos esperavam surpresas,
Além das muitas que encerra
Esse torrão de belezas.

Gozai-as, gozai agora
Que voltais de novo à vida,
Pois quem geme, em cada hora,
Julga a existência extinguida.

Convosco, mesmo distante,
Eu vou seguindo o caminho,
E o coração palpitante
Busca o lar que foi meu ninho.

Busca o lar onde em pequena,
Guiando meus débeis passos,
Ouvia a voz doce e amena
Da mãe que me abria os braços.
Oh! o passado! passado!
Folha para sempre volvida
Desse volume encantado
- A história da minha vida.

Nem mesmo quero falar-vos
Da decepção pungente,
Da noite em que ao visitar-vos
Vos vimos gemer plangente.

Era uma noite tão bela!
O luar vinha de manso
Beijar a face singela

Do mar num langue remanso.

Passavam brisas marinhas
Que iam ao longe, tremendo,
Das graciosas barquinhas
As brancas velas enchendo.

Os marinheiros cantavam,
Distante, muito distante,
Enquanto os astros brilhavam
Fitando o mar soluçante.

Vós então, interrogando,
Num tom que aos poucos morria:
“Faz luar!” Como enlaçando
Dor a assomos de poesia.

E nos, três irmãos amantes,
Junto de vós, ternamente,
Mudos, tristes, palpitantes
Num só sentir, docemente,

Ouvindo os vossos gemidos,
Os vossos ais, vossas queixas,
Profundamente sentidos
Na alma tínhamos endechas.

Noite de amargas lembranças,

Risos mudados em mágoas,
Viçosas, ledas esperanças
Mortas ali sobre as águas.

Ainda bem que tudo é findo,
E o painel de roxas cores
Mudou-se num quadro lindo
De cantos, sorrisos, flores.

Mas, perdão, porque lembrá-la?
Deixemos as minhas dores;
Não devemos recordá-la,
Tem mais martírios que flores.

Voltemos ao riso, às galas
Que vos cercam neste instante;
Da família as meigas falas,
Da amizade a voz vibrante.

Lancemos um manto escuro
Sobre esses negros pesares;
Olhemos o céu que é puro
Como as rosas dos altares.

E grata, reconhecida
Às vossas mil gentilezas,
Rasgo a mantilha dorida
Das minhas muitas tristezas,

E ditosa, sorridente,
A mão vos cerro, orgulhosa
De firmar-me reverente
Conterrânea afetuosa.

Rio Grande, 23 de maio de 1896

Julieta de Melo Monteiro

Almanaque Popular Brasileiro para o ano de 1897. Pelotas: Livraria Universal,
1896. p. 272-273.

ALDA

Os jasmims, as violetas,
As conchinhas cetinosas,
As travessas borboletas,
As ondinas vaporosas;

As floridas trepadeiras,
As estrelas vespertinas,
As rolinhas feiticeiras,
A candura das boninas;

Tudo, tudo quanto há lindo
Nesta imensa natureza,
Dum esplendor grato, infindo;

Tem para mim menos beleza
Do que tens, Alda, dormindo,
Doce arcanjo de pureza!

Rio Grande – Rio Grande do Sul

Julieta de Melo Monteiro

Almanaque Popular Brasileiro para o ano de 1898. Pelotas: Livraria Universal, 1897. p. 153.

AQUELA NOITE

Por uma noite assim, formosa como esta,
em que tudo era luz e deslumbrante festa,
por uma noite assim vestida de primores
misto de ternos sons e turbilhão de flores;
por uma noite igual à noite em que hoje estamos,
pela primeira vez ditosos nos falamos.

Qual um manto de neve, um manto longo, imenso,
do céu caído à terra, e além por Deus suspenso,
em onda o luar tombava languemente
vindo a beijar sutil as águas da corrente.

a natureza alegre, alegre se expandia
nessa noite ideal, de encantos, de magia!
uma sombra sequer, de luto, de tristeza
não empanava o quaro, a sideral beleza
do céu, do mar, da terra e até do largo espaço,
tudo unido do amor pelo doirado laço!

A voz harmoniosa, a voz terna, dolente
do marujo a cantar, enquanto docemente
impelia o batel por sobre as ondas mansas,
falava de paixão, falava de esperanças!
E a flauta, a doce flauta em santa melodia
um não sei que do céu, em notas desprendia.

Da maravilha a flor angelical, celeste,
embalsamava o ar com a essência que a reveste:
e tudo, e tudo enfim, àquele amor nascente
prometia um porvir sem nuvens, resplendente.

No entanto, a soluçar, tempos depois, ó Cristo!
a teus pés me prostrei: – Senhor, para que existo?

Julieta de M. Monteiro (Rio Grande)

Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1899. Rio Grande:
Carlos Pinto & Comp. Sucessores, 1898. p. 201. p. 95-96.

A SALDANHA DA GAMA

Mais uma ano passou depois que ele descansa
à sombra triunfal dos louros da vitória;
mas não pode abafar o tempo, que não cansa,
esse nome imortal que se cobriu de glória!

Ele fulge, ele brilha impávido na história,
subindo sem cessar, hora por hora avança;
e o povo ajoelhado o grava na memória,
e a pátria a soluçar o guarda na lembrança!

Morreu como um herói, morreu como um valente!
Vós, moços, aprendei naquele exemplo ingente
a derramar como ele o vosso sangue amado;

A pátria é nossa mãe, morramos se ela chora,
tal fez esse titã por quem soluça agora
o grande coração de um povo denodado!

Rio Grande, junho de 1898,

Julieta de Melo Monteiro

Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1900. Rio Grande:
Carlos Pinto & Comp. Sucessores, 1899. p. 177.

CORAÇÃO RESSUSCITADO

Julguei-o morte e o mísero vivia!
Mísero sim, que para viver penando
Melhor lhe fora o sono doce e brando
Que não conhece dor nem alegria!

Preso ao rochedo, Prometeu gemia,
Sendo pasto fatal de negro bando;
Meu coração também se vai finando,
Preso ao grilhão do amor que o suplicia.

Ardente em flamas de um ciúme ardente,
Novo Otelo num ímpeto fremente
Tenta esquecer quem mata-o dia a dia...

Mas, ah! cruel barreira ergue-se altiva,
E o morto ressurgido em chama viva
Finge-se inerte e vive na agonia.

Rio Grande.

Julietta de Melo Monteiro

Almanaque Popular Brasileiro para o ano de 1900. Pelotas: Livraria Universal, 1899. p. 148.

TARDE DE JUNHO

Chove e faz frio. O inverno vem chegando,
traz como sempre um manto de neblinas,
Deus recolhe as diáfanas cortinas
e estende pelo céu nuvens em bando.

Vergam na haste as pálidas, franzinas
flores, que o vento açouta sibilando;
nos delicados ninhos, pipilando,
estremecem as aves pequeninas.

O mar não veste as cores da esperança,
soturno ulula e contra a praia avança
nuns ímpetos cruéis, impiedosos.

E os pobres pescadores, cismarentos,
nas choupanas, ouvindo a voz dos ventos,
pedem à Virgem dias bonançosos.

Julieta de M. Monteiro

Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1901. Rio Grande:
Carlos Pinto & Comp. Sucessores, 1900. p. 252.

GUTTENBERG

Além, nesse país fantástico e gelado,
onde a névoa sem fim estende-se palente,
e o sol, o rubro sol, tristonho e descorado,
mal se atreve a espreitar do leito transparente;

ele teve o seu berço, um berço aureolado,
porque a glória, por certo, ufana e sorridente,
as asas estendeu com brilho desusado
por sobre aquela fronte augusta, de vidente.

E a criança cresceu, e um dia, um grande dia,
teve um sonho ideal repleto de magia,
um sonho todo luz, com que aclarou a terra!

A imprensa então surgiu, tamanha, tão possante,
que não a vence em força o poderoso Atlante,
e o seu grito imortal ao próprio sábio aterra!

Julieta de M. Monteiro (Rio Grande)

Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1902. Rio Grande:
Carlos Pinto & Comp. Sucessores, 1901. p. 115.

VERDI

Quando o rei da harmonia, fatigado
De escutar ovações, colher victores,
Quis repousar o cérebro inspirado
Longe das multidões e dos rumores,

Pediu aos menestrelis, aos trovadores
Que o chamavam seu mestre idolatrado,
Para o deixarem só de seus labores
Descansar um momento abençoado,

E partiu solitário pela estrada
Que conduz à mansão por Deus guardada
Onde a paz nos estende róseos laços.

Ao transpô-la, porém... que luz radiosa!
Chopin! Bellini! Webber! Cimarosa!
Verdi caiu sorrindo entre seus braços!

Julieta de Melo Monteiro

Rio Grande.

O DIABO, Pelotas/Rio Grande, 5 ago. 1905, a. 1, n. 25, p. 4.

BELEZA ESTIVAL

Em turbilhões de luz penetra o sol na sala
Beijando afogueado as rosas purpurinas,
As jarras de cristal, tapetes e cortinas,
E o papel de parede, azul e cor de opala.

Do jardim, que em beleza o paraíso iguala
Jorram em borbotões essências peregrinas
Que perfumam o ar. Mimosas e franzinas
As cigarras gazis, cantam em alta escala.

Nas doiradas prisões pendentes das janelas
Saltam mimos de Deus, chamados passarinhos,
Que desprendem a voz em ternos delicados;

Frutas de cor vermelha e outras amarelas,
Enfeitam o pomar onde ouvem-se os gritinhos
Das aves a saltar nos ramos mais delgados.

Rio Grande – 1919

Julieta de M. Monteiro

TUDO, Rio Grande, 15 jun. 1919, a. 1, n. 1, p. 7.

O QUE RESTA?

Quando fogem em bando, em revoadas
As ilusões, as crenças feiticeiras,
E só ficam conosco as derradeiras
Recordações de quadras já passadas,

Quando ao sopro de gélidas lufadas
Pendem murchas as verdes e fagueiras
Folhas das esperanças, forasteiras,
Onde vivem tão só flores pisadas...

O que resta ao cansado peregrino
Que caminha, que segue sem destino
Dia e noite arrostando temporais?!

Armar a negra tenda da saudade
E nela adormecer, na ansiedade
De sonhar gozos que não voltam mais!

Rio Grande

Julieta M. Monteiro

TUDO, Rio Grande, 15 ago. 1919, a. 1, n. 3, p. 4.

(SEM TÍTULO)

Ao lado deste ramo delicado
de violetas cândidas, mimosas,
ficam como penhor fiel, sagrado,
estas singelas quadras, suspirosas,

escritas no momento da partida,
nesse instante solene em que o – Adeus
é sempre uma palavra indefinida
que abrange o mar, a terra, o espaço, os céus!

Elas exprimem muito em poucas linhas,
sem belezas, embora, sem primores;
acolhei, acolhei, as pobrezinhas
que se abrigam aqui, entre estas flores.

São tributo modesto mas sincero
da amizade, essa flor rara na vida;
que as guardeis como tal, eis o que eu quero
pedir-vos no momento da partida!

Julieta de Melo Monteiro

TUDO, Rio Grande, 15 set. 1919, a. 1, n. 4, p. 7.

NATAL

Jesus nasceu, alegres os pastores
Vão repetindo a nova inesperada,
Enquanto a terra veste-se de flores
Para saudar a noite constelada.

Horas depois desponta a madrugada
E o céu ostenta as mais brilhantes cores;
Jamais cantou tão doce a passarada
E o sol mostrou mais luz, mais esplendores.

Do improvisado berço a humilde palha
Que o maior dos mortais terna agasalha,
Enquanto Ele sorri à mãe bondosa,

Transforma-se em palhetas de ouro fino;
E pelo espaço, em volta ao Deus menino
Sobe ao céu uma prece harmoniosa.

Julieta de Melo Monteiro

TUDO, Rio Grande, 15 dez. 1919, a. 1, n. 7, p. 19.

FLORES

Flores! Flores nas salas e nas mesas,
Flores nas jarras, flores nas campinas,
Grandes flores e flores pequeninas,
Flores ao peito e nos cabelos presas...

Flores pelos jardins, pelas devesas,
Flores azuis, nevadas, purpurinas,
Embalsamando o ar com peregrinas
Essências de diversas naturezas...

Flores em tudo, flores e mais flores
Recordando passadas alegrias,
Entre as folhas do livro dos amores...

Porém mais, muito mais que em fantasias,
Quero vê-las distantes dos rumores
Descansando nas lápides sombrias.

Rio Grande

Julieta de M. Monteiro

ILUSTRAÇÃO PELOTENSE, Pelotas, 1º jun. 1920, a. 2, n. 11, p. 9.

OLHANDO O CÉU

Para o privilegiado espírito de Guerreiro Vitória

Olho o céu, que tristeza, que amargura!...
Como passando por um filtro escuro
Cai a chuva de lá, da imensa altura.

É o inverno que vem, a sós murmuro,
As árvores se despem lentamente
Do esmeraldino manto, belo e puro.

Não vejo balouçar-se na corrente,
Como nas tardes estivais, saudosas,
A barquinha que eu via alegremente.

Não escuto as cantigas amorosas
Dos menestréis que moram pelas matas
Abrigados nas árvores frondosas,

Dando as cardos sentidas serenatas;
Ouço apenas o vento sibilante
Acompanhando as rezas das beatas.

Como é tristonho tudo neste instante!
É o inverno que aos poucos vem chegando,

Não traz flores nem cantos, soluçante,
Parece um coração sempre chorando.

Rio Grande

Julieta de M. Monteiro

ILUSTRAÇÃO PELOTENSE, Pelotas, 16 jan. 1922, a. 4, n. 1 e 2, p. 7.

MEIO DIA

O sol ardente, rubro, flamejante
Abrasa a terra; o mar langue dormita,
Busca ansioso o gado além, distante,
Matar a sede. A aragem não agita.

Uma flor, uma planta! Deslumbrante
A natureza ostenta-se. Esquisita
E fina essência pelo ar, errante.
Como que alguém espalha. Uma avesita.

Voa ansiosa, em vão sombra buscando.
Um cão de boca aberta, espreguiçando
Os lassos membros, ofegante espia.

Que o dono acorde do pesado sono;
E um poeta no plácido abandono
Canta a beleza desse ardente dia!

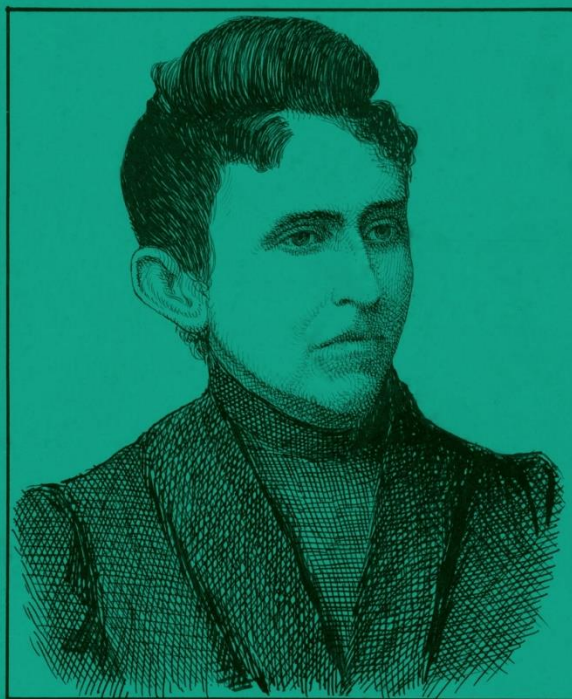
Rio Grande

Julieta de M. Monteiro

ATUALIDADES, Pelotas, 10 abr. 1926, a. 1, n. 2, p. 7.



A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

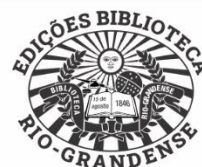


**Coleção
Documentos**
15

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

CENTRO DE
LITERATURAS
E CULTURAS
LUSÓFONAS
E EUROPEIAS
CLEPUL
Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



edicoesbibliotecariograndense.com



ISBN: 978-65-87216-09-6